

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano III – N. 3 – COGNÓPOLIS – Novembro 2016

SUMÁRIO

EDITORIAL 3

ÁFRICA

Patrícia Carvalho – Reencontros no Continente Africano 5

ÁSIA

Andréa Lindner & Leonardo Paludeto – Viagem ao Japão sob a Ótica de Características Comportamentais 14

MÚLTIPLOS CONTINENTES

Tatyana Von Pannwitz – Personal Account 24

Ulisses Schlosser – Uma Perspectiva Interassistencial Global da Conscienciologia: Experiência na Holanda, Finlândia, Rússia e Canadá com horizontes na China e na África 28

OCEANIA

Lara Rezende – Experiências de Uma Inversora In the land Down Under 39

EUROPA

Milena Mascarenhas – Relato da Interassistência Grupocármica na Alemanha 47

ORIENTE MÉDIO

Cesar Cordioli, Jeffrey Lloyd & Phelipe Mansur – Entrevista 1: Viagem à Omã 51

MEDITERRÂNEO

Ellen Quintela & Maximiliano Haymann – Entrevista 2: Viagem à Grécia 58

CONSCIENCIOLOGIA E COGNÓPOLIS 66

Expediente

INTERCÂMBIO – Publicação de Experiências Cosmopolitas
Ano III – N. 3 – Cognópolis – Novembro 2016
ISSN 2447-293X

Copyright © 2016 – Intercâmbio Conscienciológico Internacional
Os direitos autorais dessa edição foram graciosamente cedidos
à INTERCONS para comercialização da publicação.

Editores: Tony Musskopf e Kátia Arakaki.

Revisor: Tony Musskopf.

Capa: Ernani Brito

Diagramação: Epígrafe Editorial e Gráfica Ltda.



INTERCONS
INTERCÂMBIO CONSCIENCIOLOGICO INTERNACIONAL

Instituição sem fins lucrativos voltada à conexão das demandas internacionais interassistenciais com voluntários especialistas.

Facebook: <https://www.facebook.com/intercons>

E-mail: intercambioconscienciologico@gmail.com

Site: www.interconsglobal.org

EDITORIAL

Caros leitores, apertem os cintos e abram suas mentes para novas experiências. Esta edição da Revista Intercâmbio traz novas viagens internacionais de voluntários da Conscienciologia para 7 diferentes regiões do planeta: África, Ásia, Europa, América do Norte, Oceania, Oriente Médio e Mediterrâneo.

Começaremos com a itinerância de *Patrícia Carvalho*, que nos conta seu reencontro no continente africano e a doação de livros da Conscienciologia para as bibliotecas da África do Sul.

Em seguida, os duplistas *Andréa Lindner e Leonardo Paludeto* fazem um interessante relato sobre as peculiaridades paradoxais da cultura japonesa, ajudando-nos a ampliar nossa visão de mundo.

Tatyana Von Pannwitz nos brinda com uma preciosa síntese autobiográfica ao narrar de que modo uma intermissivista conseguiu atravessar a Cortina de Ferro da antiga União Soviética e experimentar o universalismo prático através do nomadismo consciencial.

Por sua vez, o pesquisador independente *Ulisses Schlosser* nos descreve suas experiências de intercâmbio científico e disseminação dos princípios da Conscienciologia nos ambientes acadêmicos internacionais.

A jovem *Lara Rezende* conta-nos o que aprendeu em sua viagem de 6 meses na Austrália, através da perspectiva de uma inversora-intercambista.

Milena Mascarenhas descreve como sua experiência de ajudar um ente querido na Alemanha se transformou em uma oportunidade para adquirir aprendizados pessoais.

O trio *Cesar Cordioli, Jeffrey Lloyd e Phelipe Mansur* contam, em uma entrevista descontraída, suas aventuras pelo Sultanato de Omã, os vínculos de amizade cultivados e os preciosos frutos colhidos nesta viagem.

Por fim, os duplistas *Ellen Quintela e Maximiliano Haymann* encerram esta Edição com uma entrevista sobre sua viagem à Grécia, narrando suas impressões sobre as vivências no berço de umas das primeiras Cognópolis da Terra.

Ótima Leitura e excelente viagem!

Tony Musskopf

Editor da INTERCONS

ÁFRICA

REENCONTROS NO CONTINENTE AFRICANO

Patrícia Carvalho

Preâmbulo. Esta comunicação objetiva relatar as experiências associadas à bibliodiáspora e ao turismo na África do Sul em dezembro/janeiro de 2016. Importa salientar que o continente africano desde a adolescência me chamou a atenção pela diversidade cultural, riqueza biológica, beleza paisagística e necessidade de assistência na área social (saúde, educação). Ao entrar para a universidade, os estudos da evolução das espécies (os sítios arqueológicos e paleontológicos) da fitogeografia, da sociobiologia e da etologia, mais uma vez, me convidaram a estudar o continente africano.

Os viajantes e naturalistas europeus que cruzavam os oceanos e relatavam tão pormenorizada-mente a flora, a fauna, os hábitos e aspectos culturais da sociedade e as paisagens conquistaram-me, e o continente africano destacava-se pela imensidão e complexidade.

A savana africana instigou botânicos, zoólogos, espeleólogos e geógrafos ao longo dos séculos, as descrições dos naturalistas e estudiosos alimentaram e fomentaram no Brasil a Fitogeografia e a Fitoecologia do bioma do Cerrado, considerado a savana brasileira.

O Cerrado brasileiro foi o palco das minhas primeiras incursões de lazer na infância e juventude, registros profissionais e ao mesmo tempo, o objeto de estudo do mestrado. A minha vinculação com a paisagem da savana é profissional, científica e sobretudo afetiva. As fácies da paisagem da savana africana assemelham-se às fácies do cerrado, a diversidade paisagística e ecológica configuram um imbricado sistema ecológico, social, cultural e econômico. Assim latente, sempre estive o desejo de conhecer o continente africano.

A África entrou no meu radar da interassistência ainda na juventude, a partir do desejo de realizar trabalho voluntário e de experienciar diferentes realidades e ampliar a visão de mundo. Quando a possibilidade da atuação no continente africano surge no ambiente da Conscienciologia reforçasse o vínculo e o desejo. Assim, participar da bibliodiáspora e realizar uma viagem de reconhecimento estava entre as metas de curto prazo. Portanto, em junho de 2015 a viagem começava a ser planejada com o apoio de uma amiga querida que também tinha a bibliodiáspora como objetivo.

A partir de agora, passo a relatar as fases preparatória, executiva e posterior à viagem. Serão pontuados aspectos que possam auxiliar outros colegas na estruturação do labcon (laboratório consciencial) de intercâmbio e, simultaneamente, a descrição de algumas vivências como estímulo para que mais pesquisadores avaliem a conexão pessoal com experiências cosmopolitas e com o continente africano.

Preparação. De julho a dezembro de 2015, ocorreu a fase preparatória da viagem, neste período a conexão com o continente africano tornava-se mais forte a cada dia. Desde lembranças de infância, eventos profissionais os quais me permitiram encontrar com sul-africanos, o “encontro” de um livro, o qual me acompanharia em toda a viagem e utilizado como instrumento de higiene mental e para mudança do padrão holopensênico – *Luzes da África* de Haroldo Costa. Resgatei lembranças de Portugal, da época em que trabalhei com angolanos e moçambicanos; relembrei o livro que me estimulou aos 15 anos a voluntariar na África; reconectei biólogos africanos com quem estudei na Suécia na década de 90 e de forma interessante, familiares e amigos, enviavam-me matérias da África sem ainda saberem que eu viajaria.

A tenepes passou por mudanças, o padrão da assistência, a demanda energética intensificada que exigia mais horas de sono e uma alimentação mais organizada. Lembrei-me de vivências similares quando do primeiro ano de tenepes em Portugal, padrões de alta entropia e de desorganização holossomática das consciexes que demandavam uma assistência mais especializada, assim, a equipe extrafísica estava diferente.

Eu e minha companheira de viagem encontrávamo-nos todas as semanas para organizar passagens, hotéis, passeios, intercambiar vivências, e ampliar o *rapport* com a equipe da Intercons.

Nesta fase, ler detalhadamente o *check list* do Intercambista na África do Sul e ir pontuando as tarefas executadas e por executar foi muito importante para estruturar a viagem e o labcon. Senti necessidade de estabelecer procedimentos de segurança do experimento, pois muitas vezes uma sensação de medo invadia-me e pensamentos associados à violência, estupro, sequestro, assalto eram recorrentes.

Participar do *Acoplamentarium* com temática da África foi fundamental para aprender a lidar com e entender esse padrão de medo. Reforcei a conexão com a equipe do trabalho e, ao mesmo tempo, tive vivências correlatas ao que encontraria na África do Sul e compreendi que tinha as condições mínimas necessárias para assumir a tarefa, o que me deu proporcionou maior convicção íntima do objetivo e instrumental para lidar com as intrusões pensênicas frequentes. Associado a isso, falar sobre os medos, inseguranças e convicções com a companheira de viagem dava mais força ao trabalho de toda a equipe.

A manutenção de um horário de estudo das universidades e passeios que iríamos realizar, além da leitura sobre a sociedade africana foram importantes para mergulhar no experimento e no holopense do continente.

Com o planejamento antecipado da viagem, tive condições de fazer um *check up* completo de saúde e ajustar pequenas disfunções somáticas. Paralelamente, preparei o grupocarma para assumir tarefas que vinham sendo desempenhadas por mim e organizei auxiliares em terra para cuidar da casa, pois ficaria fora por um período longo.

Dos aspectos preparatórios listados no *check list*, reforçaria a importância de levar os medicamentos associados às potenciais ocorrências (distúrbios alimentares, torções, dores de cabeça, alergias, gripes, infecções de gargantas, sinusites). E ter atenção ao volume da mala, pois acomodar os livros exige cuidado e boa organização dos pertences.

Além disso, preparar instrumental para técnicas de desassédio e higiene mental, pois o padrão holopensênico associado às demandas energéticas e alterações somáticas pode comprometer a lucidez e o bem-estar.

Experimentação. A viagem transcorreu sem incidentes desde Foz do Iguaçu até Johannesburgo. Ao chegar, fomos recepcionadas pela equipe da Intercons, o que gerou um sentimento de acolhimento e segurança. Estávamos cansadas e defasadas de sono, era necessário dormir e arrumar o ambiente do hotel. Um sentimento de felicidade me envolveu desde o momento quando vi do avião a savana africana, a grande planície, o sentimento de retorno à casa era estranhamente intenso.

Vale ressaltar os aspectos associados ao hotel, a localização é muito importante em termos de segurança e de economia de deslocamento. Escolhemos ficar no Rosebank Court Yard, localizado em Rosebank e com acesso ao Gautrain. Escolhemos um hotel com apartamento que permitiria a realização da tenepes e o trabalho da outra colega no ambiente da sala de estar com minicozinha. Por questão de segurança, escolhemos hotéis em que os apartamentos não tinham varanda.

A partir de agora passo a descrever aspectos observados durante a viagem em temas específicos:

- *Aspectos Sociais e Culturais.* Os africanos são receptivos, simpáticos e acolhedores, geralmente, ao abordar a minha origem brasileira, um sorriso amplo conduzia a comunicação. Pude perceber um padrão de busca de saúde e bem-estar, na alimentação, cuidados com o corpo e lazer. A música e a moda são coloridas divertidas, bem humoradas. A gastronomia é diversa e com muito tempero, mas pode-se encontrar pratos da culinária internacional tanto em Johannesburgo quanto na Cidade do Cabo.

O lazer geralmente envolve passar o tempo livre em áreas verdes, parques, praias, jardins. Existe uma preocupação com o paisagismo das cidades e o “verde” em meio ao concreto.

As livrarias e bibliotecas estão sempre movimentadas e no trem e ônibus é comum observar alguém com um livro nas mãos. O inglês é a língua base de comunicação com os estrangeiros e cerca de 12 línguas africanas são faladas entre eles; na África do Sul e Namíbia, há o predomínio do africâner ou afrikaans, língua do ramo germânico do grupo indo-europeu, desenvolvida durante o período em que a Holanda colonizou uma parte da África, o que levou ao desenvolvimento do “Africâner”, que é baseado no Neerlandês/Holandês.

Em termos culturais, o xamanismo está presente e casas que fazem os chamados “trabalhos” e vendem velas, ervas, essências, etc. podem ser encontradas pela cidade. A religião muçulmana é bem presente na África do Sul (norte), o islamismo, o cristianismo, e o sincretismo religioso com as crenças indígenas ocorre. Observar mulheres de burca é comum.

O apartheid marcou uma geração, os sociólogos atribuem parte da condição social e política da África do Sul a este regime que privou uma geração de ter acesso à educação, saúde e cidadania.

O índice de desemprego, e emprego informal é cerca de 50% da população ativa, o que gera alto índice de violência, nos subúrbios e centro da cidade. As favelas têm dimensões impressionantes e são de zinco, lata, papelão e plástico.

Nas cidades visitadas, existem museus de história natural que com exceção do museu da Universidade de Wits apresentam-se comprometidos pela falta de manutenção do acervo e instalações. Mas são lugares visitados pela população e por turistas, ainda, com extrema qualidade de acervo e exposição.

- *Aspectos de Infraestrutura Urbana.* As cidades visitadas, Johannesburgo, Pretória e Cidade do Cabo têm amplas ruas, sistema de transporte urbano integrado ao trem, integração entre linhas. O sistema do city seeing é muito bem organizado e permite conhecer bem as cidades. O trânsito é de mão inglesa, o que para nós exige atenção ao atravessar as ruas.

A limpeza urbana é eficiente, contudo, não existem sistemas de coleta seletiva e poucas lixeiras coletoras são observadas nas ruas e espaços públicos. Em Johannesburgo, existe uma luta da comunidade pela melhoria do sistema de tratamento dos resíduos que são acondicionados em um aterro controlado, além disso os catadores de lixo, apesar de organizados em associações, não estão integrados adequadamente ao sistema de gestão de resíduos sólidos.

A arquitetura é marcada pelo estilo europeu, inglês, germânico e holandês (os edifícios, praças e monumentos). De forma geral, a sensação é de estar num país europeu pelo nível de organização da cidade, estrutura dos supermercados e shoppings e qualidade no atendimento.

A ausência de adequado sistema abastecimento e esgotamento sanitário pôde ser observado nos bairros periféricos e nas favelas, o esgoto corre ao céu aberto em valas e existem torneiras comunitárias, um exemplo pode ser observado no caminho do aeroporto para o centro da cidade na Cidade do Cabo.

O governo tem investido em programas sociais de habitação popular a partir de financiamentos externos, contudo a velocidade de crescimento da população é maior que o esforço em melhorar as condições de vida da população. A falta de saneamento básico e energia elétrica no interior e áreas rurais é significativa. Em alguns documentários, deparei-me com a cegueira de crianças e adolescentes que perdem a visão por terem de estudar à luz de velas, o calor da chama da vela compromete a visão paulatinamente.

- *Aspectos Ambientais.* A paisagem natural das cidades visitadas é de extrema beleza, as praias, maciços rochosos, cadeia de montanhas, parques, praças e jardins remetem a uma ocupação europeia. Contudo, não se observou a manutenção plena dos espaços públicos. O Jardim Botânico de Kirstenborsch é de beleza estética e paisagística incomensurável e o visitante poderia passar dias a visitar os recantos e realizar as trilhas.

Existe uma trilha suspensa no dossel das árvores, linda e prazerosa de se percorrer. A cultura europeia, mais uma vez, se manifesta na interpretação ambiental dos espaços com viés estético e educacional. Em termos ambientais, a poluição urbana/atmosférica pelos veículos automotores e pelo uso do carvão vegetal e termoelétricas é significativa, além da queima de lixo a céu aberto.

Atualmente, o governo esforça-se para instalar a geração solar de energia nas áreas rurais, pois a África tem como matriz energética as termoelétricas, altamente poluidoras. Do avião, tive a oportunidade de observar *pivots* centrais de irrigação maiores comparados aos que ocupam o centro-oeste

do Brasil, a imagem é impressionante. Esse tipo de produção agrícola usa agrotóxico e água em grande escala, muitas vezes lançando mão de poços de alta profundidade.

- *Aspectos Econômicos.* A economia da África do Sul está centrada na mineração do ouro e extração de diamantes, além de outros minerais e metais. A base agrícola é forte e centrada na produção do milho. O setor de turismo tem sido estimulado e recebido aporte internacional em termos de qualificação. De forma geral, pelos noticiários e jornais verifiquei um esforço grande de conexão econômica intracontinente e alguns países estão recebendo apoio internacional dos chineses e europeus para avançar com a industrialização e melhorar a infraestrutura.

Etapa Posterior ao Experimento. O retorno ao Brasil se deu de forma tranquila, uma viagem sem incidentes. O sentimento ao deixar a África do Sul foi de tristeza, fui mobilizada por esse sentimento e passei horas em silêncio buscando me reorganizar sob o ponto de vista emocional e afetivo. Ao chegar em Foz do Iguaçu, durante alguns dias passei pela sensação de me sentir fora do ar, um certo estranhamento me envolvia, apesar da acolhida carinhosa de familiares e amigos.

O retorno à rotina de trabalho se deu de forma imediata, contribuindo para eu superar a sensação de estranhamento presente nos primeiros dias. Mantive a conexão com a África a partir dos “regalos” que trouxe, pessoais e para a casa, além da leitura de livros e revistas comprados durante a viagem. A organização das fotos e dos registros realizados durante o experimento auxiliaram-me a analisar as vivências e reorganizar os pensamentos e emoções.

Observações e análises holossomáticas e extrafísicas. Passo a relatar as vivências e percepções bioenergéticas, fruto do laboratório intraconsciençial.

- *Aspectos associados à energia imanente.* Rica e diversa em paisagens naturais a África do Sul é excelente laboratório para a prática bioenergética.

- ✓ **Aeroenergia.** Na Cidade do Cabo, a intensidade dos ventos e o contraste mar e montanha cria correntes atmosféricas incessantes. Em *Camps Bay* e na *Table Mountain*, os fortes ventos causam deslocamento do soma e forte expansão das energias, a vivência da descoincidência vígil pode ocorrer, além de estados vibracionais espontâneos.

- ✓ **Fitoenergia.** A preocupação com o paisagismo em áreas urbanas e a vegetação natural nas áreas conservadas cria ambiente propício para o acoplamento com árvores. No Jardim Botânico de Kirstenbosch, pude vivenciar acoplamentos intensos com árvores centenárias e que me causaram a inquietude investigativa, pois a percepção da fitoectoplasmia foi diferente de tudo que já havia vivido, assim, será necessário repetir mais experimentos para destrinchar as parapercepções.

- ✓ **Hidroenergia.** As águas límpidas das praias e a beleza paisagística convidam a entrar na água e a interagir com a hidroenergia. Ver a infinitude do oceano causa impacto e reflexão, a insignificância do ser humano se faz presente.

- ✓ **Geoenergia.** Na *Table Mountain* e em *Kirstenbosch*, a ativação dos chacras plantares e o fluxo vertical de energia ocorreram espontaneamente mais de uma vez, acompanhado de estados vibracionais intensos.

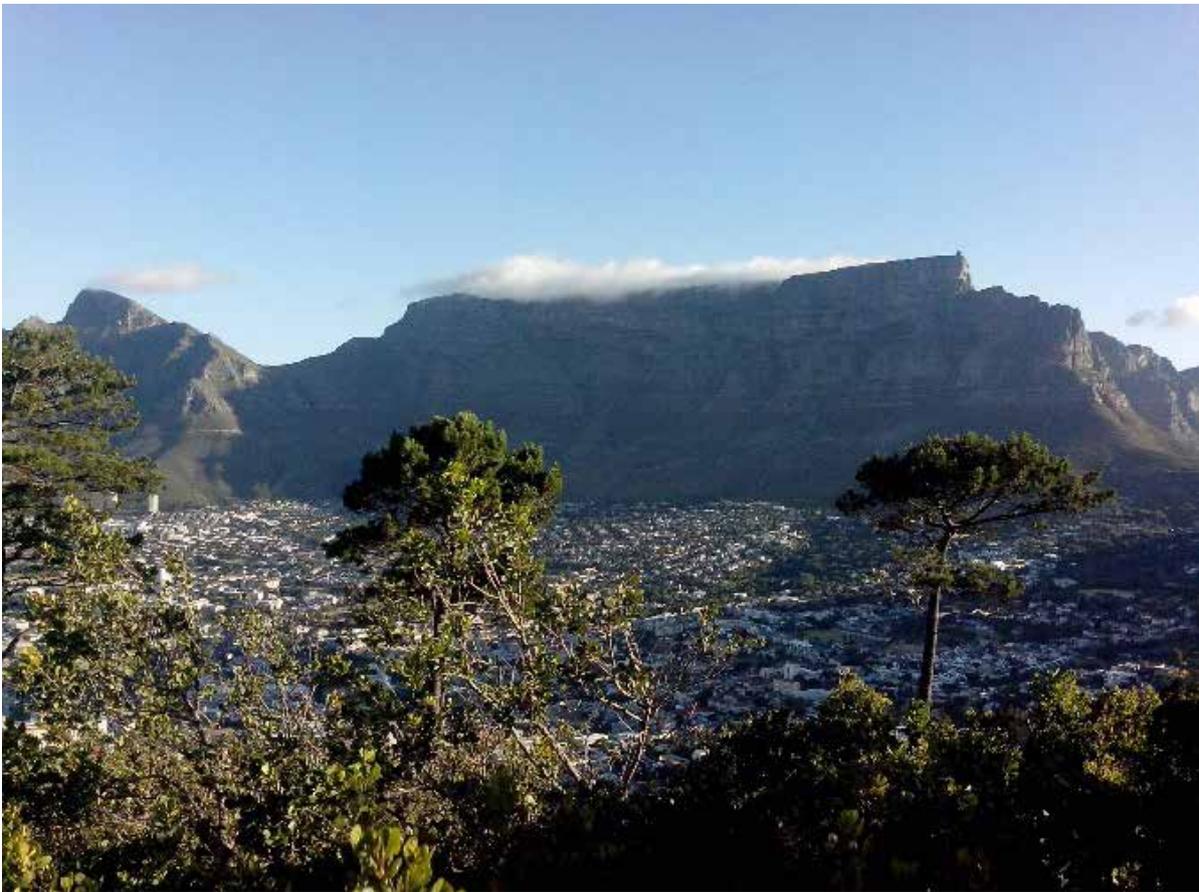


Table Mountain, Cidade do Cabo.



Camps Bay, Cidade do Cabo.

- *Aspectos associados ao holopensene.* Manter um padrão hígido e organizado de pensamentos e sentimentos exige esforço e atenção contínua. As alterações de humor eram frequentes e a mudança do padrão pensênico de ambientes é ostensiva. Manter atividade de descompressão e higiene mental é essencial para manter o humor estável e positivo.

- *Aspectos associados ao soma.* Inicialmente, o fuso horário impacta o corpo físico, é preciso dar atenção ao sono e aos horários de alimentação. A alimentação é diversificada, mas com muito tempero, estômagos e intestinos sensíveis sentem a mudança do padrão alimentar. É necessária a atenção com o padrão da alimentação, principalmente os frutos do mar, para não haver intoxicação alimentar. Os passeios e as atividades de assistência exigem muito do soma, assim, cuidar dos aspectos básicos é importante, não se esquecendo da hidratação.

- *Aspectos associados ao psicossoma.* Os vínculos afetivos que resgatei durante a viagem e o resgate de aspectos intraconscientes adormecidos mexiam com a minha pensenidade. Passei com vários momentos de euforia íntima, pelas companhias extrafísicas, *insights* e vivências parapsíquicas. O fato de ter uma postura racional e analítica me ajudou imensamente no sentido de manter o equilíbrio e os momentos de introspecção também foram necessários. Viajar com uma amiga, respeitosa e atenta auxiliou muito na convivência.

- *Aspectos associados ao mentalsoma.* As demandas bioenergéticas e o fluxo emocional exigiam crítica, análise, acalmia, foco e ordenamento dos pensamentos. Verifiquei como os investimentos na conscienciometria, na autopesquisa, no autoconhecimento foram importantes para lidar com todo o experimento. Estudar e ler foram instrumentos importantes para promover o desassédio mentalso-mático e o equilíbrio. Conhecer as fissuras, as reações instintivas e os trafores ajudou muito!!!

- *Aspectos associados à conviviologia.* A cultura da África do Sul é colorida, multifacetada, acolhedora. A música, a alegria e a espontaneidade facilitam a inserção no ambiente. Neste sentido, o domínio do idioma inglês é fundamental para a convivência e para aprofundar o *rapport*, bem como o estudo da sociedade.

- *Aspectos bioenergéticos.* Acoplamentos, interfusões energéticas, intrusões pensênicas, telepatia, fenômenos de semipossessão, iscagem consciencial, projeções semiconscientes e conscientes, ocorreram durante as 3 fases do experimento e sobretudo, durante a viagem. Um padrão se fez presente, a necessidade de possuir o corpo, de se apropriar do soma, de sentir e comandar o meu corpo físico. O padrão consciencial mesclava o humano e o animal, a posse e a subjugação, a vontade e o medo, a coragem e a paralisia, o choro, o riso e a confusão mental.

A predisposição para a assistência me auxiliava a perceber a equipe extrafísica e a confiar no mecanismo interassistencial, eu me sentia amparada, mesmo nos momentos em que sentia medo e o primeiro ímpeto era de recuo. A intensidade com que eu me vislumbrava sob novos olhares me indicava que o canal da interassistência estava aberto e fluindo. Nestes momentos, o domínio bioenergético e a quietude íntima, o *low profile* contribuíram para a recomposição holossomática. Durante os 17 dias de viagem, a tenepes foi rica em *insights* sobre a vida pessoal e grupal inclusive dando novo direcionamento às prioridades.

Síntese da Experiência. A viagem motivada pela bibliodiáspora oportunizou o reencontro com aspectos intraconscientes adormecidos e com consciências amigas, intra e extrafísicas. Ser consciência em evolução diuturnamente e sentir-se em casa, em outro país promove reflexão e estimula a auto-

pesquisa. Inúmeras perguntas surgiram e demandaram esforço de análise íntima. Lidar com a saudade e ao mesmo tempo dar continuidade aos trabalhos e vivências no Brasil tem exigido constância na autopesquisa e na manutenção holossomática. Alguns hábitos foram reestruturados após a viagem, sobretudo, no que diz respeito ao soma e à organização intrafísica. Nesse sentido, retomei o estudo da língua inglesa, pois ao retornar ao continente africano quero criar mais oportunidades de convívio a partir do maior domínio linguístico. Distribuir os livros, conectar ambientes universitários e “viver” a África do Sul levou à construção de um novo referencial de objetivos e prioridades. Após dois meses do retorno para Foz do Iguaçu, ainda existem vivências a serem compreendidas e a necessidade de planejar novos experimentos.

A possibilidade de ressonância na África não é mais um fator gerador de inquietude, pois foi possível vislumbrar minha conexão com o holopense do continente, mapear minimamente minhas ligações pretéritas, e identificar traços que poderão facilitar a conexão com a assistência e o trabalho no continente, e quando me perguntaram sobre quais traços gostaria de manifestar, a liderança, comunicabilidade e o senso de generosidade aparecem primeiramente.

Proposição. As vivências bioenergéticas e holossomáticas foram intensas e em escala de intensidade e complexidade superiores aos cursos de campo no Brasil e em Portugal. E com base nessa perspectiva, não indico a bibliodiáspora para os jejunos e iniciantes nas práticas bioenergéticas, nos fenômenos parapsíquicos e na autopesquisa.

A demanda por assistência é contínua e vigorosa, mas exige mínimo traquejo e habilidade de autoobservação. O aprendizado é rico e diverso, mas solicita uma boa escuta íntima e capacidade de resiliência. Planejar com antecedência e organizar detalhes do experimento são essenciais para dar segurança e otimizar os potenciais resultados. Avalio a experiência aos moldes de um curso de campo contínuo, no qual assumimos todas as tarefas.

Agradecimento. Minha gratidão a toda a equipe da Intercons, pelas orientações e acolhimento e a minha amiga e companheira de viagem, Adriana Chalita, pelo apoio e carinho incomensuráveis.

BIBLIOGRAFIA.

- ALI, A. H. **Infiel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 496p.
BURTON, M. I. **The Black Sash: women for justice and peace**. Cape Town: Shumani Mills, 2015. 256p.
COSTA, H. **Luzes da África**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 572p.
MATHAAI, W. **Inabalável**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 375p.
MBEKI, M. **Advocates for change: how to overcome Africa's challenges**. Johannesburg: Picador Africa, 2011. 297 p.

FILMOGRAFIA.

Entre Dois Amores, 1985; O Jardineiro Fiel, 2005; Hotel Rwanda, 2004; A Massai Branca, 2005; Infância Roubada, 2005; Diamante de Sangue, 2006; Minha Terra África, 2009.

Patrícia Carvalho é bióloga, mestre em Geografia e Análise Ambiental, voluntária da Conscienciologia desde 1995, atuando hoje na Associação Internacional para Pesquisa Laboratorial em Ectoplasmia e Paracirurgia (Ectolab), na Intercâmbio Conscienciológico Internacional (INTERCONS) e docente de Conscienciologia desde 1996.

ÁSIA

VIAGEM AO JAPÃO SOB A ÓTICA DE CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS

Andréa Lindner & Leonardo Paludeto

Contexto. Este artigo é resultado de experiências pessoais em viagem ao Japão entre 20 de março e 11 de abril de 2015. Foi uma viagem de turismo em que os autores estiveram na companhia da mãe de um deles (Leonardo) a qual é descendente de pais japoneses. Os principais objetivos foram conhecer e pesquisar mais sobre a história, a cultura e o comportamento dos japoneses.

País. O Japão é a 3ª maior economia do mundo, conta com o 10º melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a maior expectativa de vida entre todos os países, 85,9 anos de idade. São dados que impressionam e despertaram o interesse por parte dos autores em entender as diferenças em relação ao Brasil, o qual ainda se posiciona muito atrás desses números.

Conscienciologia. Em diversos momentos da pesquisa anterior ou durante a viagem, os autores fizeram reflexões sobre possíveis comparações e aplicações do desenvolvimento do país e da sociedade japonesa a traços conscienciais. Procurou-se observar aspectos marcantes no comportamento da população japonesa, o que será mais detalhado a seguir com a explicação dos atributos.

Cidades. A definição das cidades a serem visitadas foi feita após realização de pesquisas bibliográficas, em sites especializados e com a própria família. Foram escolhidos locais que, além de terem relação com o histórico familiar, pudessem oferecer vivências culturais sobre o país. As cidades escolhidas foram, em ordem cronológica da viagem: Tóquio, Quioto, Takayama, Shirakawa-go, Nagoia, Osaka, Nara, Himeji, Hiroshima, Kumamoto e Nagasaki. Metade da viagem foi reservada para as duas primeiras, em função dos vários lugares a serem visitados.

Cuidados. As precauções habituais de viagem foram, neste caso, ampliadas por diversos fatores: 1. **Cultura:** o Japão tem cultura muito diferente do Brasil, inclusive considerando hábitos alimentares; 2. **Desconhecimento:** era um país desconhecido para os três integrantes da viagem; 3. **Distância:** a localização é exatamente “do outro lado do mundo”.

Motivação. Se por um lado estes motivos aumentaram a necessidade de cuidados, também ampliaram a curiosidade de conhecer este novo e longínquo país. A motivação foi permanente durante toda a preparação e a viagem. O desejo de aprendizado também foi fator importante na busca de informações sobre tudo que foi possível, em especial relacionados a: idioma, organização das cidades, cultura, história, comportamento da população e aparatos tecnológicos, presentes em praticamente todos aspectos da vida cotidiana.

Características. A busca do entendimento do país, do ambiente e das pessoas fez com que os autores-viajantes-pesquisadores fossem colecionando observações e conclusões. As características do país e do ambiente são consequência do comportamento das pessoas e, por isso, apresentam-se a seguir os atributos que mais chamaram a atenção ao longo das três semanas da viagem. Importante registrar que as características apresentadas são somente resultado de observação experimental, não tendo a pretensão de formular um modelo mais completo e geral do comportamento da população japonesa.

1. DETALHISMO

Onipresença. O detalhismo parece ser característica onipresente no Japão, percebido em vários ambientes e objetos. Mais do que senso de obrigação, ao observar os japoneses no dia a dia, eles parecem sentir prazer em atentar aos detalhes.

Produtos. Os produtos, por exemplo, são feitos com muitos detalhes de qualidade, inclusive a embalagem. A simples exposição de frutas é meticulosamente arrumada, bonita, limpa e várias delas em embalagens sofisticadas.

Qualificação. Percebe-se o detalhismo também em aspectos comportamentais. Por exemplo, eles parecem cuidar dos gestos e postura em geral. Em alguns momentos, isso parece ser até exagerado, cuidando demais da aparência e reprimindo comportamentos espontâneos.

2. DISCIPLINA

Incansáveis. Depois de passar por várias cidades e observar a disciplina dos japoneses em diversas situações, a impressão é que eles não fazem esforço para serem disciplinados. Ao contrário, parece que têm de se esforçar é para serem indisciplinados.

Procedimento. Até em situações simples, como receber o dinheiro e devolver o troco, há procedimentos seguidos à risca: o cliente deposita o dinheiro numa pequena bandeja, os caixas recebem, contam em voz alta e olham para o cliente para checar o valor, a seguir preparam o troco, contam novamente em voz alta as cédulas e novamente olham para ver se o cliente está de acordo. Depois colocam o dinheiro novamente sobre a pequena bandeja, esperam o cliente retirar e fazem a saudação final. Essa sequência foi observada do início ao fim dos 21 dias no país.

Evolução. Naturalmente, esse atributo da disciplina promove a reflexão do quanto isso pode ser utilizado para a evolução. Certamente ajudou o desenvolvimento do país, porém também parece facilitar o “engessamento” comportamental de muitos deles.

3. DISTANCIAMENTO EMOCIONAL

Relacionamento. O relacionamento do japonês é marcado por educação, gentileza, cordialidade e ajuda. É perceptível o quanto colocam em prática estes atributos no trato com turistas, buscando

fazer o que podem para auxiliar. Porém, é marcante um certo distanciamento emocional, no qual os japoneses parecem não se envolver tão profundamente, como ocorre em países latinos.

Cumprimentos. Nas ruas, não se percebeu cumprimento entre eles com abraços, apertos de mão ou beijos. A manifestação pública com beijos foi inclusive proibida por lei em 1920 e, apesar ser legalizado após 1945, ainda hoje existe o tabu. O cumprimento mais difundido, mesmo em grupos de jovens se despedindo depois de saírem de um *happy hour*, é a reverência, feita curvando o tronco, sem aperto de mãos.

Energias. A sensação que se tem na interação é que os japoneses se tornaram hábeis em criar uma esfera energética de proteção ao redor deles, evitando a proximidade física e, provavelmente, energética.

4. EFETIVIDADE

Resultado. O esforço característico dos japoneses está associado à busca constante do fazer bem feito e, sempre que possível, com menos recursos e tempo. A associação de eficiência (processo bem feito) com eficácia (qualidade do resultado final) é chamada de efetividade e isso é presente na cultura japonesa já há muito tempo.

Histórico. Ao visitar a vila histórica de Shirakawa-go, foi possível ver casas de mais de 300 anos planejadas que associavam estética, climatização, distribuição de espaço e com um modo inteiramente otimizado para viver, criar bichos da seda e produzir papel e fios de seda. Atualmente pode-se ver essa característica em várias soluções tecnológicas e no aproveitamento do espaço.

Serviços. Há serviços eficientes, práticos e confiáveis em todo o país, como por exemplo o *Takuhaibin*, um delivery porta a porta de encomendas, inclusive malas, para qualquer destino no país. Também se vê efetividade na alimentação, inclusive com a praticidade de comprar comida pronta (*obentô*), disponíveis em quase todas as esquinas dos centros das cidades e nas estações de trem. Fazer uma refeição aproveitando o tempo da viagem de trem é bastante comum.

Saúde. Essa característica parece estar muito associada à capacidade de buscar fazer o melhor para o corpo, gerando a saúde que caracteriza este país como o de maior expectativa de vida. Também mantêm hábitos de exercícios físicos, caminhadas e alimentação adequada. Ainda que façam refeições no trem, cuidam do quem comem.

5. ESTÉTICA

Xintoísmo. Em todo o país há uma grande valorização da estética, atribuída ao Xintoísmo - tradicional religião nascida no Japão. A ideia original é que a estética é um elemento gerador de bem-estar e evolução. Além dos templos e ornamentos da religião, a estética está presente em muitos aspectos da sociedade.

Cerejeiras. O hábito de visitar as cerejeiras em flor é parte da valorização da estética. Há milhares plantadas em todo o país, seja nas ruas ou parques. Na primavera, essas árvores floridas criam grande impacto visual e os japoneses chegam a tirar férias para visitar parques carregados das flores “*sakuras*”.

Confor. Na Conscienciologia, propõe-se a consideração do binômio conteúdo-forma (confor), onde, não somente o visual é importante, mas também a mensagem e a informação presentes. Percebeu-se lugares bonitos com energias igualmente agradáveis e outros lugares que, apesar de lindos, pareciam vazios ou com energias desagradáveis.



Os santuários xintoístas são testemunhas históricas da valorização da estética.

6. MANUALIZAÇÃO

Instruções. Talvez pela motivação de fazer correto e esperar que os outros também o façam, há muitos manuais espalhados por todos os lugares. Nas recepções de hotéis, várias perguntas são respondidas com manuais ou roteiros em situações tais como: pegar um taxi, regular a temperatura do quarto, vestir o quimono, tomar banho nos “*onsens*”, etc.

Banheiros. Os banheiros são atração à parte pela automatização e inovações tecnológicas, em especial dos vasos sanitários. Em muitos deles, há pequenos manuais junto aos botões de acionamento.

Técnicas. O autodesenvolvimento evolutivo é resultado da aplicação de técnicas, o que parece ser uma das facilidades do povo japonês. Atualmente parecem estar mais concentrados em usar essa característica para aspectos intrafísicos, porém se passarem a usar a tecnicidade a favor da multidimensionalidade, é provável que terão facilidade com as energias.

7. RECICLAGEM PENSÊNICA

Recuperação. Apesar da história do país ser marcada por crises, acidentes naturais e guerras, a população demonstra grande capacidade de recuperação e resiliência. Uma das principais estratégias é o trabalho rápido e colaborativo de reconstrução. Porém, também pode-se perceber a mudança na manifestação tranquila, ponderada e, às vezes, até com humor sobre os problemas enfrentados. Nos discursos e informações disponíveis nos centros de visitantes e museus, não se percebe um pensene bélico ou rancoroso, e sim uma postura de reflexão e superação das adversidades.

Manifestação. Nas duas cidades visitadas que foram alvo de bombas atômicas, Hiroshima e Nagasaki, percebe-se grande esforço para transformar as tragédias em conscientização. Em nenhum museu ou material que retratava a situação houve ênfase em ressentimento ou orgulho ferido. Nas conversas com sobreviventes ou outros habitantes, tampouco se percebeu isso. O foco maior na conscientização e prevenção de testes nucleares e bombas atômicas.

Pensene. A reciclagem pensênica em relação às bombas atômicas parece não ter sido ainda total. É possível sentir no holopensene do ambiente um “eco” energético, provavelmente relacionado às centenas de milhares de pessoas falecidas num curtíssimo período de tempo. Porém, é marcante o esforço do povo em focar na reconstrução e na abordagem positiva da conscientização ao invés da vitimização ou rancor.

8. RITUALIZAÇÃO

Religião. Os rituais estão fortemente presentes não só na religião, mas também em muitas situações cotidianas. Parece haver uma crença de que o ritual é o principal caminho para se chegar ao resultado. Os procedimentos modernos das empresas e do movimento da Qualidade Total podem ter sido facilmente incorporados na cultura japonesa em função da população já ter o hábito de seguir rituais.

Variada. Um dos pontos característicos dos templos e santuários é a presença de vários aparatos ritualísticos. Sejam rodas para girar, sinos para tocar, papéis para escrever desejos, madeiras para registrar mensagens, estátuas para tocar, água para purificar as mãos, incensos para acender ou recipientes para colher moedas. Além disso, são marcantes as cerimônias ritualísticas, como a cerimônia do chá, o teatro japonês e as danças tradicionais.

Automatismo. Na maioria dos templos, os japoneses fazem filas para usar alguns desses muitos aparatos. Parecem fazê-lo de modo automático. Inevitável pensar que isso pode ajudá-los na discipli-

na, porém também inevitável concluir que é necessário desenvolver autonomia e lucidez para deixar de lado rituais secundários no desenvolvimento da consciência e na busca da evolução.



Cerimônia do chá com *geiko* (esq.) e *gueicha* (dir.): exemplo típico de ritual japonês.

9. TECNOLOGIZAÇÃO

Presença. A tecnologia é onipresente na rotina do japonês, desde o banheiro com vasos sanitários tecnológicos até os avançados trens super-rápidos – nos quais a grande maioria está digitando no celular, até porque falar no celular é proibido ali dentro. Em alguns momentos, é fácil considerar a hipótese de substituição do contato físico-afetivo por máquinas enquanto forma de proteção. Porém, também pode-se observar que a obsessão em desenvolver aparatos cada vez melhores é um provável resultado da motivação perfeccionista do Japão. Seja por um ou outro motivo, o fato é que a tecnologia faz a intermediação das relações interpessoais de modo muito intenso.

Religiosismo. Nos relatos dos moradores, dizem que a maioria dos jovens japoneses se considera ateu. Ao mesmo tempo, relatam também, em tom de piada, que no Japão há três principais religiões: o budismo, o xintoísmo e a tecnologia.

Relações. Ao visitar o museu Toyota em Nagoya e ver um pouco da história da revolução industrial japonesa até os dias de hoje, é fácil ver de que modo os japoneses se organizaram ao redor da tecnologia. A economia se baseou na industrialização obsessivamente tecnológica em busca de produtos e sistemas produtivos ultramodernos. O resultado pode ser percebido em robôs tocando violinos, máquinas substituindo garçons, esteiras em restaurantes oferecendo e trazendo, gravações

de mensagens dando instruções nas ruas e em ambientes fechados. Enfim, a impressão que se tem é de que as relações dos japoneses estão inteiramente permeadas pela tecnologia.

Energias. As abordagens japonesas mais antigas e sutis que consideravam as energias não evoluíram tanto no país quanto a tecnologia material e intrafísica. Aquelas ainda estão presentes, porém, o povo japonês parece estar mais focado na matéria. O japonês transmite ter muita sensibilidade e até atributos que consideram as energias, porém foi esquecendo-se de utilizar isso enquanto a prioridade evolutiva.



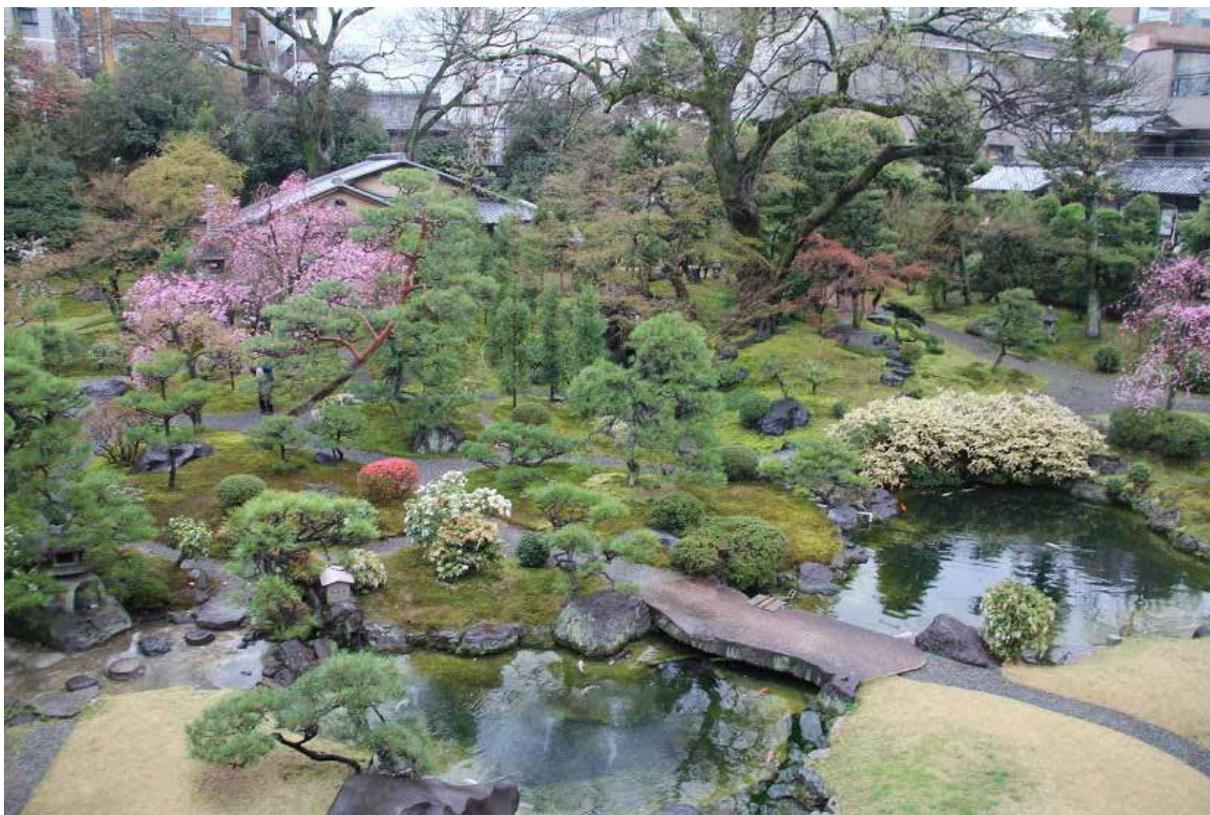
Tecnologia e manuais com orientações são constantes em todos os lugares, neste caso, um banheiro repleto de funções tecnológicas.

10. TRANQUILIZAÇÃO

Motivação. O japonês parece buscar intencionalmente comportamentos tranquilizadores. Quando não há oportunidade, criam-se momentos e lugares específicos para isso. Há uma valorização e uma necessidade de tranquilizar-se.

Jardins. Em muitos lugares visitados, haviam jardins de vários tipos e em muitos deles houve a vivência de sentir-se tranquilizado. Um comportamento associado a visita a jardins é o natural impulso de contemplação e meditação, criando atmosfera de introspecção. Os mini-jardins nos grandes centros e restaurantes também é uma prática corriqueira.

Prática. No dia a dia, mesmo fora dos lugares tranquilizadores, os japoneses parecem gostar de tranquilização. Conseguem inclusive serem agitados no rápido deslocamento urbano, porém mantendo a calma. Este atributo parece ajudá-los a pensar e ponderar para agir do modo mais correto possível.



Jardim japonês: valorização da estética e espaço para promover tranquilização e contemplação.

ARGUMENTOS CONCLUSIVOS

Características. As dez características apresentadas não pretendem descrever completamente o comportamento dos japoneses. Elas servem somente de indicadores do que foi mais marcante na percepção dos autores durante os 21 dias de viagem ao Japão.

Reflexões. Serviram também para promover grandes reflexões pessoais sobre a influência dessas características no comportamento destes autores. Ao mesmo tempo, foram fonte de inspiração na busca do desenvolvimento pessoal, adotando objetivos para desenvolver mais os traços vistos na população japonesa.

Realização. As vivências tidas com essa viagem levam os autores a concluir que os japoneses têm grande poder de realização. Apesar de todos os problemas enfrentados e dos traços conscienciais ainda a serem desenvolvidos, eles são obstinados na busca da qualidade. Uma síntese útil desta cultura seria a associação entre aprendizado, desenvolvimento e realização.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Sakurai, Célia. **Os Japoneses**. Editora Contexto; São Paulo, SP; 2007.
2. Vieira, Waldo. **700 Experimentos da Conscienciologia**. Instituto Internacional de Projeção e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994.

Andréa Lindner, Psicóloga, especialista em Análise Transacional e Dinâmica dos Grupos, pesquisadora independente e professora da Conscienciologia.

Leonardo Paludeto, Psicólogo, especialista em Dinâmica dos Grupos e Psicodrama, pesquisador independente, voluntário e professor da Conscienciologia.

MÚLTIPLOS CONTINENTES

PERSONAL ACCOUNT

Tatyana Von Pannwitz

I was born in the Soviet Union, a socialist state governed by the Communist Party with Marxist–Leninist ideology. Since I was very little, I was clearly aware that I lived in a closed, isolated country. I knew that the world was big, full of unknown mysterious possibilities that I could not be a part of. I was living in a grey conformity bubble that was very comfortable (free education, medical care, housing) which was at the same time superficial and cut off from the rest of the world. Looking at the images of modern North Korea gives me a very familiar feeling, this was my world then.

The ideology that was imposed on the citizens was that of hard work, stoicism and superiority. Special emphasis was put on the race against the US, the branded evil world empire. In all channels of media from TV to newspapers, we were constantly shown images of demoralized and dangerous Western society. We also lived in the constant fear of nuclear and chemical attacks from the US and Western Europe. Since my middle school, girls were trained to be nurses, put on gas masks and provide first aid in case of these attacks, boys were trained to throw grenades and defend their motherland. Every night when I went to bed, I thought about my possible annihilation in my sleep due to the sudden military provocation from the US.

At the same time, channels of communication were very tightly controlled, travel to the Eastern bloc countries governed by the Soviet Union was very tightly organised due to the so-called Iron Curtain (note 1). Only those of exemplary character and strong Communist party affiliation were allowed to go in groups of 30 or so other people supervised by a Communist party representative to make sure that the Soviet group came back home (did not try to escape) and showed themselves to the citizens of governed countries like Czechoslovakia and Poland to be of utmost exemplary character.

While my intraphysical childhood was physically constrained, my consensual life was very rich. Since my early years, I knew I was more than my physical body, I had lucid out-of-body experiences, as well as clairvoyance and clairaudience. I can say I lived simultaneously in both intraphysical and extraphysical worlds. What was helpful for my childhood was deep acceptance amongst my people of parapsychism. Though Soviet officials frowned upon any otherworldly ideas considered superstition, they are the ones that waged psychic warfare against the US and other countries. Later in my teens, I even had the opportunity to meet the second most powerful psychic spy who worked in Kremlin (where government is based) and used his skills of remote viewing and energy control to influence foreign leaders while shielding the Soviet government.

During my childhood, I started to show first signs of the foreigner syndrome, which would last until my late twenties eventually dissipating when I met my evolutionary group. Since very little, I was obsessed with reading science fiction stories about time travel, extra-terrestrials, journeys to other planets, galaxies, and dimensions. This felt as real for me as my intraphysical life, this was my truth

that I held dear in my heart. I always felt that what my physical eyes could see was just a little part of our reality and I was becoming restless.

I was very lucky to be born in a very progressive family. My father was a pilot, so was my uncle and grandfather. My father who was very spiritual brought me up as a citizen not just of the world but also of the cosmos. By going into the piloting profession, he filled his own nostalgic gap and in his words he felt the most at peace when he was flying above the clouds, being closer to God. My early inspiration was to always be flying above the clouds, seeing an unlimited horizon line, being free with no limitations.

I vividly remember my very first student exchange trip to Poland, I was about 12 years old. The minute the train crossed the border to this new country, I was in awe, inspired! I was in new place, people spoke a different language, they had their own culture, they dressed differently and viewed the world through a different lens. This was a new world, even packaging on products was colourful and thoughtful, there was selection of products besides the basics, catering to comfort and visual aesthetics, people wore not just functional clothes but also fashionable. The spark was set, this was the beginning of a love affair with being this planet's explorer, researcher of the intraphysical societies which over the course of my life brought me to some 80+ countries all over the globe.

Interestingly, since I was about 3-4 years old and could speak I informed my parents as a matter of fact that I was going to leave them and "go to America." This was a strange thing to say for a Soviet kid however in 1994 that is exactly what happened. A few years prior, in August 1991, on 25 December 1991, Gorbachev, our leader at the time, resigned and the Soviet Union, bankrupt and disillusioned, dismantled from the inside out. What resulted afterwards, was an economic chaos, panic, and former republics scrambling to establish new independent identities.

The place where I lived with my family re-emerged back to its pre-Soviet identity, the Ukraine, and pretty much overnight rebranded itself imposing the Ukrainian language while digging out old cultural traditions that have largely been erased during the Soviet rule. This was a huge shock to many people, especially to ethnic Russians such as myself and also older people who had to learn a new language to continue their life. Looking back, this was actually a very interesting experience where I had to rebrand myself into a new identity holder, speaking another language with an adopted new history. This practice at an early age made it much easier for me to do the same in the years to come when I would work and live in foreign countries.

In the midst of my country's on-going chaos, there was also freedom. The US eager to position itself early in the post-Soviet bloc, started to introduce exchange programs for gifted children in order to "educate" them into the Western capitalist mentality. At age 15, I won an all paid yearlong scholarship to leave the Ukraine and live in the former enemy state, which I feared so much when I was a child. Needless to say, I was pleasantly surprised, absorbing all new things like a sponge. I quickly adopted a new identity and rebranded myself into an American teenager wearing torn jeans, braces, loving Burger King meals and overloading myself on bananas which I saw for the very first time.

The rest is history as they say. Free from conditioning, fears, my world view opened up, I kept close to my heart words of my father whose inspiration was for me and my sister to be global citizens and nomads. The transition was not complete however, though living in free countries, such as the

US and then the UK, I still had a token from the past, Ukrainian passport, universally unaccepted for pretty much any visa free travel. Due to this passport limitation, there were lots of opportunities lost, I could not follow my new friends who travelled freely, I felt I was still a prisoner of immigration and borders, and I was yearning to be free.

This changed in 2006, when I was granted a British passport. This was my rebirth... finally close to my aspirations to live as a citizen of the world, free to chase my dreams not weighted down by bureaucrats and politics. I immediately quit my job at the time, and accepted a new career, which became a life style working on investment campaigns for countries all over the world. I became a student of country identities, studying socio-economic trends, all things that would set those countries apart and getting to know societies from the inside out by interviewing top government leaders and CEOs of the biggest global companies. Effectively, I was doing “conscientiometry” on those countries – studying history, identities, values, strengths and weakness as well as their aspirations and competitive advantages. As they say, the world was my oyster where I could pick and choose my next destination.

In the context of proaxis, this was a priceless experience. I was able to get to know a country deeply, live among its common people, with access to the elites who rule it. This was a humbling but also privileged experience where now not just in my mind but with my physical feet and my mental soma, I looked at this planet and its countries with a reflective study lens. The question I was asking myself every time I would travel to a new place would be, what if I was born here, how would I think, what would be my values, what would be my priorities, would I be free, would I be educated, how would I live life, what would give me meaning? You can imagine how different this answer was when I travelled to countries such as Saudi Arabia, Egypt, South Africa, Trinidad and Tobago, Macau, Laos, Suriname, Aruba and many others... It was a privilege to be able to adopt an identity for a period of time, just like I did when I moved to the US and feel myself through a different holothosenic frame.

In 2011, after 5 years of constant travelling, I came back to the UK, the country that finally freed me in order to give a deeper commitment to my proaxis, to volunteer, to teach, to research and put into practise my valuable global nomadism in the application of the clarification task. Looking back I see how precious this personal journey has been, how it matured me, allowed me to overcome my stereotypes, to bond with the people of various ethnicities, spiritual beliefs, professional and economic backgrounds.

The time of stability in London, set the preparation phase for my move to CEAEC, which my duo and I completed in 2014. Now that I am based in Brazil in my executive period, I can appreciate even more how valuable my nomadism has been and the recycling and learning that it brought me. I am now deepening my work with conscientiology while at the same time keeping the international link open. I continue to work as a freelancer in my industry, this time around, opening projects globally working with Ambassadors of those countries and continuing to travel for country launches. Living with practical maxifraternity, as a citizen of this planet, and being able to make connections with people from different parts of the world is very valuable for deepening assistential tasks. Prejudice, stereotypes, conditioning all fall away before a first hand experience of immersing myself in a new adopted community.

I would never forget my experience of travelling back to Europe after finishing a 3-month project in Saudi Arabia. I was flying from Riyadh to Madrid where I had to wear an abaya (robe-like dress

which covers the whole body except the face, feet, and hands which I sometimes wore with niqab, a face veil covering all but the eyes) as I did in public during my stay in the country. During the flight, I was sitting in the back of the plane, in a women's only section, however as soon as I landed in Madrid, I took off my abaya and stayed in Western clothing. Continuing on to London, on the next flight, I was sitting in a row mixed with Western men while a few Saudi women continued to be covered and sitting with other women and their kids in another part of the plane. They could not shed their cultural restrictions, while I could adapt and change in course of one single journey. This was an interesting and reflective experience that stayed with me for a long time.

After my work in the Middle East, the way I view women and men from that part of the world is very different after my personal experience of living in countries such as Saudi Arabia, Oman, UAE and Egypt. While for many people especially in current uncertain times, a covered woman on a London tube or on a plane is enough to send them into an instinctive fear, my perception is that of understanding and empathy, as for a period of time I was one of them, welcomed in their society as a humble guest.

The ability to relate to people of different nationalities is very important for advanced assistencial tasks and our maturation towards megafaternity and transaffectivity, perceiving and respecting consciousnesses beyond intraphysical distinctions of passports, cultural differences, and other languages. If we can assist consciousnesses with a cosmic view regardless of where they are from, one can imagine the implications for our work extraphysically, when we work with Helpers as part of an equipex.

Just like I created within myself the world without borders, a freed identity that is not restrained but given full freedom of expression, tolerance and adaptability, I see how important it is to spread this condition to the rest of the planet via the leading edge truths of conscientiology. Like never before, people need to remember they are not just physical bodies living one life only. This evolutionary lens is crucial to pacify egos, conflicts, and deep suffering that is wrecking this planet.

The metaphor of looking down from the clouds can give a perspective of how insignificant intraphysical conflicts really are, none of them justifying the suffering and violence. I think there is no greater time of need to bring conscientiology to the world when so much damage can be inflicted on such a large scale through the modern technology.

In this regard, I think it is crucial for conscientiologists to travel to other countries, not just for their own recycling and improvement of maxifaternity but also to bring these advanced ideas to those intermissivists who will one day become leaders and intraphysical helpers with the capacity to shift the planet's balance towards sustainable peace and authentic, humane interassistentiality.

Tatyana is an international consultant and senior project manager, graduated from Columbia University in New York with major in international affairs. She met Conscientiology in 2003 in London where she volunteered and has been a conscientiology teacher since 2010. Her areas of research and interest are pacifism, extraterrestrial studies, and cosmovision.

UMA PERSPECTIVA INTERASSISTENCIAL GLOBAL DA CONSCIENCIOLOGIA

EXPERIÊNCIA NA HOLANDA, FINLÂNDIA, RÚSSIA E CANADÁ COM HORIZONTES NA CHINA E NA ÁFRICA

Ulisses Schlosser

RESUMO INTRODUTÓRIO

Intenção. O relato a seguir busca dar visão ao leitor sobre a possibilidade de oferecer contribuição, por meio de recursos conscienciológicos, no campo da interassistência global. A ideia é chamar a atenção para a perspectiva de utilizar o amadurecimento de gescons para dinamizar o potencial assistencial das ideias contidas em livro ou na estrutura de pesquisa e também das consciências envolvidas no trabalho.

Modelo. O modelo de experiência aqui relatada talvez sirva à prática de outros pesquisadores. Em síntese, criou-se um movimento deliberado de levar a pesquisa da Metodologia Parafenomenológica, iniciada em 2007, em formato de dicionário e de edição do autor, para discussão e intercâmbio com especialistas além da fronteira do paradigma consciencial.

Especialistas. A pesquisa da Metodologia Parafenomenológica foi aprovada para apresentação na Finlândia, no congresso *Toward a Science of Consciousness – TSC 2015*, realizado de 06 a 13 de junho. A partir daí, o plano foi antes levar o mesmo material, em forma de dicionário, para análise dos melhores especialistas lexicólogos e fenomenólogos da Universidade de Leiden, na Holanda, um dos principais centros no assunto. Em seguida, buscou-se o mesmo contato com especialistas na Finlândia e na Rússia.

Expansão. Na Universidade de Leiden (01-06 de junho / 2015), recebi vários convites para expandir a pesquisa e participar em outras universidades e organizações, levando a representação da Conscienciologia para integrar a organização *Alternative Perspectives & Global Concerns – AP-GC* e outros convites para eventos, livros e viagens na Universidade de Ottawa (21-30 de outubro / 2015), no Canadá, sede da mesma organização. A expansão da perspectiva de interassistência global já havia sido prevista durante o planejamento das viagens em reunião deste pesquisador com o professor Waldo Vieira em abril de 2015.

Objetivos. Eis os 4 principais objetivos desta mobilização no intercâmbio internacional:

1. **Interassistência científica.** Amadurecer a comunicação de verpons dentro e fora da CCCI.

2. **Intercâmbios.** Verificar novas possibilidades de pesquisas conjuntas com outras organizações e universidades, intercâmbios científicos e de amadurecimento de ideias para a CCCI.

3. **Intermissivistas.** Identificar novos campos de encontros entre intermissivistas.

4. **Diferencial.** Expandir a interassistência para os horizontes de alguns dos diferenciais da Conscienciologia: da Cosmoética, do Paradireito e da Paradiplomacia.

O FUNDAMENTO DA METODOLOGIA PARAFENOMENOLÓGICA

Gescon. A base para iniciar o movimento de intercâmbio internacional foi o amadurecimento de gescons e também da atitude de pesquisador independente. Isso significa, pelo menos: (1) desenvolver interesse genuíno por algum assunto; (2) realizar experimentos, observações, registros, ou seja, fazer a pesquisa; (3) redigir e publicar o projeto e os resultados; (4) aplicar recursos próprios para divulgar e fazer intercâmbio para ampliar o horizonte assistencial; (5) criar produtos, técnicas e outros elementos de utilidade a partir dos resultados da pesquisa; entre outros.

Publicações. A pesquisa da Metodologia Parafenomenológica foi iniciada em 2007, sobre base anterior de repetidos experimentos projetivos, protocolos realizados em laboratórios e desenvolvimentos da pesquisa em Paracogniologia (SCHLOSSER, 2002 e 2014). Os primeiros resultados foram publicados na Revista Conscientia (SCHLOSSER, 2007 e 2009), apresentados na III Jornada de Paraperceptiologia e publicados nos anais do TSC em Helsinque (SCHLOSSER, 2015-b).

Contribuição. A Metodologia Parafenomenológica pode ser vista como mero complemento, uma tentativa de contribuição com a Projeciologia para sustentar abordagem mais ampla da Conscienciologia. Concordo com uma ideia antiga do professor Waldo: “Não há parapsiquismo sem amparador”. A metodologia é dedicada essencialmente a clarear os parafenômenos nesta relação.

Fundamento. Trata-se de um modo consistente de apresentar e introduzir ideias da Conscienciologia, pois a base e a proposta da metodologia é estudar e oferecer procedimentos fundamentados para assuntos vistos com obscuridade até o momento no cenário global atual. No ambiente científico em geral, a natureza dos fenômenos parapsíquicos ainda é obscura e os modelos de compreensão e aplicação ainda não encontraram suficiente consistência para serem testados em maior escala.

Autopesquisa. A proposição da Metodologia Parafenomenológica traz a perspectiva de integrar protocolos de procedimentos mais rigorosos de autopesquisa juntamente com fundamentos epistemológicos da fisiologia e da parafisiologia possíveis de serem reverificados durante os experimentos. Na essência, trata-se de um modo de formalizar proposição metodológica de autopesquisa dos fenômenos parapsíquicos, a pesquisa do autoparapsiquismo.

Especialidades. A seriedade da Conscienciologia depende da consistência das especialidades da Parafenomenologia e da Projeciologia. Essa noção é importante dentro e fora da CCCI. Diálogo e intercâmbio em Conscienciologia necessitam de fundamento sobre parafenômenos. Atualmente, no mundo, não há uma teoria consistente sobre fenômenos parapsíquicos. Por isso, a novidade da proposição da Metodologia Parafenomenológica chama a atenção, abre portas e aumenta nossa responsabilidade.

Lacuna. Tratar os fenômenos parapsíquicos com foco na abordagem mentalsomática é aspecto importante, tanto em função das condutas e atitudes do pesquisador como em função dos novos fundamentos propostos. Hoje é possível ver tais fundamentos ainda insuficientes até mesmo dentro da CCCI. E estamos trabalhando nisso.

Reeducação. Estamos procurando reforçar e divulgar internacionalmente a ideia diferente de tentar provar algo para os outros. O esforço visa oferecer nova visão para compreender a noção de parafenômeno e como cada pessoa pode fazer para reeducar-se, desenvolver e pesquisar o autoparapsiquismo.

Método. O desafio foi encontrar denominadores comuns na parafisiologia entre parafenômenos simples e complexos e também para a conduta de pesquisa. Hoje o trabalho pode ser classificado na categoria de teoria geral de método. *Qual utilidade no estudo de um fenômeno também pode servir para outro?* Por exemplo, temos utilizado certas questões para indicar a utilidade da abordagem e isso pode ser aplicado aos parafenômenos mais simples, representadas nos questionamentos abaixo:

1. Você consegue ver a dimener?
2. Você vê a dimener quando você quer?
3. Você sabe o que você faz para ver a dimener?
4. Você sabe explicar para você mesmo e para os outros como você faz para ver a dimener?

Desafio. Quem acha desnecessária essa abordagem talvez ainda não tenha pensado na assistência aos outros por meio das inovações parapsíquicas e conscienciológicas. Muitas pessoas mantêm veladas suas deficiências. Isso pode ser desdramatizado. Para tanto, o holopensene da ciência pode ajudar a cruzar fronteiras e tornar as boas ideias mais duradouras independentemente de ideologias locais. Saímos para os intercâmbios com as baterias carregadas desse holopensene.

Verpon. A ideia básica do intercâmbio era oferecer contribuições por meio de atos e conceitos centrados na Cosmoética e no Maxifraternismo, no entanto, com o diferencial do fundamento em abordagem verponológica sobre os fenômenos parapsíquicos. Se alguém tenta falar de assunto mais avançado, mantendo incoerências na base, a tendência é o constructo desmoronar. Assim se justifica a importância de renovar constantemente os fundamentos perante a possibilidade de novas refutações.

ROTEIRO DO INTERCÂMBIO

Atualização. Para contar a história desse movimento e objetivar os fatos, segue o roteiro dos 22 principais acontecimentos atualizados, aqui resumidos, em ordem cronológica:

01. **Gescons.** Avanço na produção do livro *Metodologia Parafenomenológica* e do *Dicionário Neológico de Parafenomenologia*. O livro iniciado em 2007, não tem data de conclusão e a pesquisa está em andamento. Atualmente estão sendo reunidos pesquisadores para aplicar protocolos no CEAEC. O dicionário iniciado em 2009, teve a primeira versão concluída em outubro de 2014, com entrada na Editares no início de 2015. As gescons propiciaram a consistência do holopensene para o intercâmbio científico e maxifraterno.

02. Conclusão do Dicionário. Mesmo em formato de edição do autor rascunhada, foi feita encadernação da obra para servir à comunicação entre pesquisadores. O dicionário reúne as principais proposições da Metodologia Parafenomenológica, em forma de neologismos técnicos da especialidade da Parafenomenologia. Assim foi possível discutir propostas de modo sintético com especialistas e ir a campo para testar algumas ideias.

03. Aprovação para participação no TSC 2015 em Helsinque. Após a conclusão da primeira versão do Dicionário, foi atendida a chamada de trabalhos do TSC 2015 na Finlândia com o envio, em novembro de 2014, de proposta da pesquisa da Metodologia Parafenomenológica. O sinal positivo do caminho foi a aprovação da pesquisa recebida no fim de janeiro de 2015.

04. Planejamento com o professor Waldo Vieira. Foi possível contar com orientações do professor Waldo Vieira em conversas e reuniões desde o ano de 2007, no Holociclo. Nos meses de abril e maio de 2015, isso foi feito no ambiente do *Tertuliarium*. Em conversas realizadas antes das Minitertúlias, foi discutida a ideia de tentar levar contribuição cosmoética da Conscienciologia para ajudar em assuntos críticos do cenário global. O plano de abordagem e de viagem foi discutido em detalhes no fim de abril e a consistência estaria assentada sobre a proposição estruturada da Parafenomenologia para anunciar possíveis contribuições pelo paradigma consciencial. Tudo isso era fruto de intuições sinalizadoras, de indicações obtidas em experiências projetivas e acrescentou-se o reforço das parapercepções de amparadores pelo professor Waldo. O plano foi cumprido como descrito a seguir. O professor Waldo insistiu para levar na viagem a edição protótipo do *Dicionário Neológico de Parafenomenologia* e fez um único pedido bem forte: para amadurecer e levar adiante a ideia da antirreligião. Naquele momento, essa recomendação pareceu até um pouco deslocada em relação à temática do empreendimento. Mas logo ficaria claro ser este o principal desafio. No contexto das motivações globais para a viagem, já estava colocado o problema do terrorismo teocrático. Os novos amigos encontrados na viagem seriam, simultaneamente, líderes religiosos e intelectuais, esforçando-se, com muita dificuldade para integrar ética, ciência e religião. Isso seria encontrado pela frente. Equipado com os argumentos da Metodologia Parafenomenológica, tinha agora o desafio de desenvolver dialética paradiplomática. Pela frente estaria a oportunidade de reencontrar e fazer novos amigos e levar a mensagem da maxidissidência pelo paradigma consciencial.

05. Viagens para Leiden. A primeira parada foi na Holanda, facilitada pelo convite de amiga de minha duplista, de Den Dolder, subúrbio de Utrecht. Durante uma semana, viajei de trem diariamente para a Universidade de Leiden, pois o objetivo era o intercâmbio com especialistas de tradicionais e importantes centros acadêmicos da Europa.

06. Porque Leiden. Os motivos, planejados no Brasil, para ir a Leiden foram: (1) René Descartes viveu e publicou em Leiden e o intuito da proposição paraepistemológica era refutá-lo; (2) fazer busca pelo centro acadêmico mais ligado a teoria cartesiana reconhecida por muitos como base para o surgimento da Fenomenologia convencional, pois nossa ideia era falar de Parafenomenologia; (3) em Leiden está a Editora Brill, fundada em 1683, ligada à Universidade, altamente especializada na publicação de dicionários; (4) conhecer de perto o “Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series”, avançada coleção de dicionários etimológicos; (5) buscar consulta com os professores Robert Beekes e Alexander Lubotsky, já rastreados no Brasil, coordenadores do Projeto Indo-Europeu de

Linguística Comparada; (6) identificar especialistas em Fenomenologia para sensoriar os efeitos das novas proposições em Parafenomenologia.

07. Consulta em Lexicologia. O primeiro contato concreto e altamente receptivo foi com o professor Lubotsky, de origem russa e mente aberta. Discutimos sobre os livros, em mãos, *700 Experimentos da Conscienciologia* e o *Dicionário Neológico de Parafenomenologia*. Entre muitas sincronicidades, o plano de intercâmbio foi exposto abertamente. Professor Lubotsky passou o resto da tarde ajudando a rastrear outros professores receptivos ao assunto do parapsiquismo. O indicado foi o professor Sneller, em função das especialidades em experiências humanas excepcionais, Fenomenologia, espiritualidade, religiões, misticismo, terrorismo, filosofia judaica, entre outros.



Ulisses e professor Alexander Lubotsky, autoridade mundial em dicionários, em sua sala na Universidade de Leiden, Holanda.

08. Consulta em Fenomenologia. Fui imediatamente ao departamento de Fenomenologia, na Faculdade de Filosofia de Leiden. Sneller estaria no dia seguinte. A conversa foi intensa, longa e impressionantemente aberta. Além de ser pesquisador do parapsiquismo com livros publicados, ele se ofereceu para abrir a rede de contatos para outros pesquisadores.

09. Exposição do Dicionário e da Metodologia Parafenomenológica. Dr. Sneller, poliglota, conseguia ler várias palavras em Português. Perguntou sobre “verpon”, gostou muito da palavra. Erudito em assuntos parapsíquicos, examinou várias partes do livro, fez perguntas-chave e ofereceu-se imediatamente para ajudar a publicar o Dicionário. Criamos perspectiva para intercâmbios em Parafenomenologia.

10. Convite para escrever capítulo de livro. Dr. Sneller reiterou convite para eu escrever capítulo, inserindo a abordagem conscienciológica, em um livro chamado “Spirituality and Global Ethics”,

a ser publicado em Cambridge. Também convidou para conhecer a AP-GC. Hoje somos colegas em tudo isso.

11. Instituto de Parapsicologia da Finlândia. Já em Helsinque, atendemos ao convite para falar sobre o paradigma consciencial no Seminário de 50 anos do Instituto de Parapsicologia da Finlândia, em 08 de junho de 2015. Parapsicólogos finlandeses veteranos, dentre eles o Dr. Tapani Koivula, acompanhavam com muito interesse, à distância, o trabalho do professor Waldo Vieira. Foi muito interessante verificar como eles também mantêm interesse em acompanhar a ressonância do E.M. na Finlândia e as pesquisas desenvolvidas no CEAEC.

12. Apresentação do Dicionário e da Metodologia Parafenomenológica no TSC 2015. Trata-se da primeira participação de pesquisa conscienciológica no maior evento mundial sobre a pesquisa da consciência. Em Helsinque, a Metodologia Parafenomenológica foi apresentada como tentativa de fundamentar o estudo dos fenômenos parapsíquicos e meio para aplicar e desenvolver protocolos de pesquisa. Os anais do evento, contendo o trabalho, foram doados ao Holociclo. Os principais interlocutores foram: a equipe da Universidade do Arizona (Stuart Hameroff e Jay Sanguinetti); Susan Blackmore e contatos na Inglaterra; pesquisadores da Universidade Lomonosovo em Moscou (Anton Kuznetsov), para onde nos dirigimos após Helsinque. Nessas situações, estar com o protótipo do livro pessoal em mãos fez toda a diferença na seriedade e valoração dos diálogos.



Apresentação da Metodologia Parafenomenológica no TSC 2015 na Finlândia, com a colega cientista russa Olga Maksakova.

13. **Proposta do capítulo de livro.** Retornando ao Brasil, em 1º de julho de 2015, enviei a proposta de título e conteúdo para o capítulo a ser escrito para o livro “Spirituality and Global Ethics”. A proposta prontamente aceita foi de inserir noções sobre a consciencialidade e o paradigma consciencial por meio da abordagem experimental e das utilidades do parafenômeno de expansão de consciência.

14. **Convite para integrar a AP-GC.** Após a aceitação da proposta de capítulo, foi reiterado convite, por *e-mail*, para integrar a organização *Alternative Perspectives And Global Concerns* (AP-GC). Dr. Sneller justificava o convite em função do meu currículo e perfil, pelo trabalho no Comitê de Educação em Direitos Humanos do Estado do Paraná, a função de multiplicador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a experiência com facções criminosas e prisões e as especialidades em parapsiquismo e Parafenomenologia. Era um perfil semelhante ao dos demais integrantes. Procurei deixar claro o fato de eu não ter PhD como os demais, mas ele insistia falando do “*mindset*”. As prioridades da AP-GC são: ética global, ética dialógica, pobreza extrema, questões ambientais, desenvolvimento humano, radicalismo religioso e terrorismo.

15. **Convite para participação no ICCASU 2015.** No dia 2 de agosto, após vários *e-mails*, tive a primeira conversa por Skype com Mahmoud Masaeli, iraniano e cidadão canadense, diretor geral e co-fundador da AP-GC. O foco foram os projetos para debater o fenômeno da cosmoconsciência, os convites para participar das reuniões presenciais da AP-GC e o convite imediato para apresentar um trabalho conscienciológico na *International Conference on Chinese and African Sustainable Urbanization*, na Universidade de Ottawa, em 24-25 de outubro de 2015. Esse evento do UN-Habitat (Nações Unidas) seria integrado com o encontro da AP-GC. Com a oportunidade de adentrar holopenses tão estudados em Conscienciológica (China, África e reurbanização), aceitei e enviei o *abstract* do trabalho no mesmo dia.

16. **Viagem para Ottawa.** A base do esquema de viagem foi utilizar integralmente milhas internacionais e ficar hospedado na casa da família de Mahmoud. Sem acidentes na viagem, aproveitei para compreender o potencial assistencial da cultura canadense. Foi possível observar líderes assistenciais migrantes para o Canadá em busca realizar empreendimentos Globais.

17. **Apresentação e publicação do trabalho.** “*Consciousness and (Re)Urbanization: Where is the Focus of Changing?*” (Consciência e (Re)Urbanização: onde está o foco de mudança?) foi o título do trabalho apresentado e publicado nos anais do ICCASU 2015 (SCHLOSSER, 2015-a), material já doado ao Holociclo. O assunto era bem deslocado dos temas predominantes de arquitetura e planejamento urbano, mas os jovens estudantes chineses e o diretor do UN-Habitat, Alioune Badiene, ficaram bem interessados no assunto. Falamos da Cognópolis, das bases do Paradigma Consciencial, de pararurbanização e das implicações éticas de tudo isso no trabalho dos chineses na África.



Apresentação sobre Pararreurbanização no 2015 ICCASU, na Universidade de Ottawa, com Alioune Badiene, diretor do UN-Habitat.



Tratado *Homo sapiens reurbanisatus* apresentado a Alioune Badiene, diretor do UN-Habitat, durante 2015 ICCASU na Universidade de Ottawa, Canadá.

18. Trabalho na organização do ICCASU 2015. A participação na AP-GC oportunizou-me integrar a equipe de mediadores dos debates do ICCASU. Essa atividade propiciou experiência direta com diversos pesquisadores do Canadá, África e China e com os executivos do UN-Habitat.



Abertura do 2015 ICCASU, Ottawa, Canadá, com Mahmoud Masaeli, Alioune Badiene e Huhua Cao, idealizadores do evento no centro da foto.

19. Planejamento do ICCASU 2017 na África. O próximo ICCASU ocorrerá em 2017, na África, provavelmente em Nairobi, no Quênia, em função de lá estar localizada a diretoria do UN-Habitat. O planejamento já foi iniciado e pudemos contribuir com ideias sugerindo o tema geral sobre a “ética do corte de uma árvore”.

20. Evento AP-GC 2017 na Cognópolis Foz, com o tema “aprisionamento”. No ambiente da AP-GC, o Dr. Rico Sneller demonstrou grande interesse em conhecer mais de perto o movimento com a Conscienciologia. Aproveitando seu último livro, publicado em 2014, *“Wild Beasts of the Philosophical Desert: Philosophers on Telepathy and Other Exceptional Experiences”*, fizemos convite para ele vir à Foz do Iguaçu em 2017. A ideia é organizar uma atividade de heterocrítica com o livro dele. A partir dessa ideia, aproveitando a viagem, Dr. Sneller sugeriu realizar, em 2017, o encontro anual da AP-GC também em Foz do Iguaçu, com o tema sobre a discussão da condição das prisões no mundo e no Brasil. Se possível, tal iniciativa seria interessante oportunidade para integrar o CEAEC, a Cognópolis e suas estruturas na discussão da ética global por meio, principalmente, de contribuições pela abordagem da Cosmoética.

21. Convite para livro sobre cosmoconsciência. Após retornar do Canadá, no fim de 2015, em reunião de planejamento da AP-GC, recebi o convite de Mahmoud para contribuir em projeto da Universidade de Ottawa e editar livro sobre o fenômeno da cosmoconsciência. O assunto é considerado de interesse ético global, em função das perspectivas de esclarecimento em ambientes religiosos e para compreender possibilidades de evolução da consciência em geral. Nossa ideia é constituir uma equipe de pesquisa global sobre o assunto.

22. Evento AP-GC 2016 em Ottawa. Neste momento, estamos em preparativos para nova viagem ao Canadá, planejada para junho de 2016, a reunião anual da AP-GC. Participarei de simpósio,

na Universidade de Ottawa, levando tema sobre a “fenomenologia da fé”. A ideia é discutir distorções patológicas do uso da fé nos movimentos terroristas e facções. A proposta é prosseguir em esclarecimentos relativos aos contrapontos epistemológicos para a aplicação de parapercepções e do princípio da descrença nesse contexto.

REFERÊNCIAS

Schlosser, Ulisses; *Autoconscientização Paracognitiva: Prioridade do Autoparapsiquismo na Pré-Intermissão*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; V. 18; N. 2; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC Editora); Foz do Iguaçu, PR; Abril-Junho, 2014; páginas 238-251.

_____; *Consciousness and (Re)Urbanization: Where is the Focus of Changing?*; 2015 International Conference on Chinese and African Sustainable Urbanization: a Canadian and International Perspective; ICCASU Programme; University of Ottawa & UN-Habitat; Ottawa, Ontario; Canada; 2015a; páginas 10, 65-66 e 86.

_____; *Metodologia Parafenomenológica: Proposta de Estruturação Científica*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; V. 13; N. 4; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC Editora); Foz do Iguaçu, PR; Outubro-Dezembro, 2009; páginas 307-319.

_____; *Paracognition*; *Journal of Conscientiology*; Proceedings of the 3rd International Congress of Projectiology and Conscientiology; Vol. 4, Number 15 S; IIPC Ed.; Miami, FL; May, 2002-a; páginas 189-210.

_____; *Paraphenomenological Methodology; Toward a Science of Consciousness 2015*; Book of Abstracts; University of Helsinki; Helsinki, Finland; 2015b; páginas 79, 349-350 e 411.

_____; *Técnica para o Ajustamento Parafisiológico da Sintonia Visual na Clarividência*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; V. 11; N. 3; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC Editora); Foz do Iguaçu, PR; Julho-Setembro, 2007-a; páginas 167-177.

WEBGRAFIA

Alternative Perspectives & Global Concerns; Site Institucional; <<http://www.ap-gc.org>>; acesso em 26.03.2016.

Ulisses Schlosser é pesquisador da consciência no Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) e coordenador do Conselho Internacional de Neologística e Terminologia da Conscienciologia (CINEO), ambos em Foz do Iguaçu, Brazil. Ulisses também é membro do Conselho Internacional da *Alternative Perspective & Global Concerns* (AP-GC) e trabalha como psicólogo no Sistema Penitenciário e na Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná, onde ele é fundador e membro do Comitê de Educação em Direitos Humanos.

OCEANIA

EXPERIÊNCIAS DE UMA INVERSORA

IN THE LAND DOWN UNDER

Lara Rezende

INTRODUÇÃO

Intercâmbio. Tive a oportunidade de participar do programa do governo Ciência Sem Fronteiras (CsF), no qual o estudante selecionado pode fazer uma graduação sanduíche em outro país ou cursar mestrado ou pós doutorado.

Países. São inúmeros os países que possuem universidades parceiras com o programa CsF. Para a escolha da Austrália, primeiramente decidi que queria ir para algum país onde as aulas fossem ministradas em inglês para aperfeiçoar minhas habilidades nessa língua.

Seleção. O processo seletivo dos bolsistas engloba várias etapas e uma delas requer que você obtenha bom desempenho num exame de proficiência da língua do país escolhido. Mas no caso de países como Finlândia, Noruega, China, Suécia, o exame de proficiência requerido é na língua inglesa. Escolhi fazer o exame IELTS, pois esse me possibilitaria a escolha de um entre 13 países.

Decisão. A escolha da Austrália, país que eu já citava para os meus pais com cerca de 5 anos de idade, contou com muitas pesquisas na internet, reflexões, ponderações, pesquisa de opinião de pessoas que tinham conhecimento, etc. Os pontos fortes para a escolha desse país incluíram sincronidades e projeções semiconscientes.

Cidade. Assim como o país, escolhi a dedo a cidade e a universidade, pesando vários critérios. Pelo edital do programa, o estudante poderia escolher duas cidades para a sua estadia. Escolhi Sydney e Melbourne, nessa ordem de prioridade. Curiosamente duas cidades que tiveram conflitos para serem a capital do país e ainda hoje mantém certa competição. A solução para o caso da capital do país foi a construção de Camberra para assumir este fim.

Universidade. Estudei um semestre na *University of New South Wales*. Acredito que o forte dessa universidade é a multiculturalidade, a estrutura, e inúmeras oportunidades oferecidas para o estudante crescer como pessoa e profissional e ter um período produtivo e socialmente marcante na universidade.



Main Campus da University of New South Wales (UNSW)



Quadrangle - University of New South Wales



Uma sala de aula em formato de auditório própria para Lectures. Na foto, Lecture da matéria de Energy Efficiency.

Viagens. Como o foco do intercâmbio era acadêmico e minha prioridade o estudo, não viajei muito. Mas estive em Cairns e Airlie Beach no nordeste do país, podendo aprofundar minha imersão na cultura australiana. Também fiz uma viagem de 15 dias para a Nova Zelândia nas férias. Ao todo, passei 6 meses na Austrália e posso dizer que esse período foi um divisor de águas na minha vida.

CULTURA AUSTRALIANA

Abertismo. O fato de eu ter morado em 3 diferentes cidades do Brasil, em diferentes regiões do país, me ajudou a “não criar raízes” e desenvolver o abertismo e a adaptabilidade. Portanto, não me lembro de ter enfrentado barreiras culturais significativas.

Cultura. É interessante observar o holopense local e a cultura do país e perceber como afetam a sua manifestação pessoal. Alguns trafores e trafores ficam mais evidentes.

Saúde. As pessoas se preocupam muito com saúde e estética na Austrália. Pode estar caindo uma tempestade às 5 horas da manhã, mas aposto que terá algum australiano correndo na orla da praia.

Alimentação. A grande variedade de produtos orgânicos, *gluten free*, *lactose free* e entre outros, facilita a criação de uma dieta saudável e não repetitiva.

Exercícios. Independente da faixa etária, as pessoas se exercitam muito. Além de musculação e outras diferentes modalidades, uma muito comum é a yoga.

Soma. Isso me ajudou a investir no meu soma, objetivando a otimização, a saúde e a longevidade sadia e ativa. O corpo humano, principal veículo de manifestação nessa dimensão intrafísica, também

é ótima ferramenta para o desenvolvimento dos outros veículos de manifestação. É possível dizer que o seu soma mostra seu nível de autorganização, pois “o seu corpo reflete a sua realidade consciencial”.

Natureza. Além dos autocuidados da população, a natureza exuberante e exclusiva do continente mais árido do planeta é de tirar o fôlego. As árvores robustas e antigas, por toda parte de Sydney, chamaram a atenção e me encantaram logo quando cheguei na cidade.



Pontos Turísticos de Sydney: Opera House e Harbour Bridge.

Animais. Assim como as árvores, as aves também adquiriram área VIP em minha memória. É extremamente comum, em Sydney, você se deparar com um bando de *rainbow parrots* ou cacatuas nas árvores das ruas. A variedade de aves de diferentes espécies e tamanhos foi algo marcante no decorrer da estadia.

Zoofilia. As pessoas não matam baratas, aranhas nem insetos. Se aparecem dentro de suas casas, eles os colocam para fora.

Horizontalidade. O tratamento de igual para igual, de consciência para consciência, foi um dos aspectos que mais gostei da cultura australiana. O CEO da empresa e o faxineiro se cumprimentam com “*G'day mate*”. Os professores com os quais tive contato davam aula de bermuda e tênis, sentavam ao nosso lado nos laboratórios para tirar as nossas dúvidas. Esse contato mais próximo estimula a participação do aluno em sala de aula.

CONSCIENCIOLOGIA NO DIA A DIA

Preparação. Antes de viajar, pesquisei muito sobre a história da Austrália e sua cultura. Também pude conversar com voluntários da Conscienciologia que nasceram ou moraram lá. A autorganização pré-viagem e a preparação antecipada são decisivos para o sucesso do intercâmbio.

Autonomia. Em outro país, estão apenas você e o seu amparador. Portanto, todo seu conhecimento de Conscienciologia é colocado à prova.

Autossustentação. Percebi que eu era a responsável por criar e dar manutenção ao meu holopense. Por estar fora de casa, desapegada dos antigos comodismos e inevitavelmente fora da zona de conforto, os trabalhos energéticos eram mais ostensivos e frequentes. Tinha uma lista pessoal de técnicas para manter a autossustentação energética no dia a dia.

Pré-tenepes. Decidi que todos os dias, desde janeiro de 2015, me prepararia para a assunção futura da técnica da tenepes. A experiência de intercâmbio foi um diferencial na minha capacitação para a técnica, que já tem data marcada para ser iniciada.

Resgates. É extremamente provável que entramos em contato com pessoas do nosso passado nessas viagens internacionais. Algumas que temos enorme afinidade e carinho e outras que colecionamos desafinadas “gratuitas”. Ambos os tipos de reencontro devem ser levados a sério na interassistência diária.

Pré-intermissiologia. Os intercâmbios são uma ótima forma de se preparar para os trabalhos da próxima intermissão. Não é fácil, mas é um desafio que vale a pena, pois vejo o quanto amadureci consciencialmente.

Itinerância. Por tudo isso, eu espero que a itinerância internacional seja tão comum e frequente quanto a itinerância dentro do Brasil. Pretendo me qualificar para atuar nesse processo.

Egocídio. Você está preparado para sair do seu “mundinho” e participar ativamente como minipeça do maximecanismo no planeta Terra? Tem se capacitado nos âmbitos financeiro, intelectual e parapsíquico para ajudar nos trabalhos de escala global?

INVÉXIS NA PRÁTICA

Invéxis. Aplico a técnica da inversão existencial conscientemente desde os 20 anos de idade. A técnica me ajudou a aproveitar melhor o intercâmbio, assim como a bancar os desafios e experiências multidimensionais.

Proéxis. A técnica da inversão existencial oferece medidas profiláticas para otimizar a vida intrafísica. Além disso, é ferramenta para estar alinhado a proéxis pessoal desde a juventude.

Cons. A recuperação de cons é facilitada através de experiências incomuns e que exigem mais de você. Além disso, estar em outro país te possibilita ter uma visão mais clara de si mesmo.

Amizades. A seleção das amizades e do círculo pessoal mais próximo se mostrou ainda mais importante durante a viagem. Através da técnica energética de exteriorização e da técnica de visualização parapsíquica, atraí os meus dois melhores amigos: um brasileiro e um indiano. Possivelmente amizades de muitas vidas e com quem pude compartilhar minhas vivências (inclusive as multidimensionais) e nos apoiamos mutuamente nas reciclagens pessoais.

Discernimento. O discernimento e a autocrítica são ferramentas importantes para não cair nos mata-burros cotidianos, nas banalidades da sociedade como promiscuidade, bebida, esportes radicais e drogas. O posicionamento íntimo racional sustenta a autenticidade. “Siga em frente, mesmo que esteja contra a corrente”.

CONVIVIALIDADE SADIA

Epicentrismo. Percebi-me como epicentro para a harmonia energética e bem-estar grupal na casa em que morei. Anonimamente, atuava para a manutenção do equilíbrio no lar.

Blindagem. A blindagem energética do quarto e formação de campos com energia pacífica me auxiliaram a manter no quarto um local de refúgio, restauração energética e pensênica.

Interferências. Quando tive a oportunidade de dividir quarto, notei que manter a ortopensividade, evitar atritos com o colega de quarto e treinar a colaboração mútua favoreceram a sustentação da blindagem energética do quarto. Um deve se adaptar à rotina do outro, a concessão deve vir de ambas as partes para que o ambiente seja ético e homeostático.

Exteriorização. A exteriorização de energias para as pessoas e ambientes da casa, bem como a desassimilação eficaz são ótimas ferramentas. Principalmente, quando não se tem a oportunidade de se fazer arco voltaico.

Traforismo. Ter uma visão traforista para com as pessoas que convivem com você, ameniza os atritos e incômodos. Todos têm qualidades, reconhecê-las e estimulá-las no outro promove uma convivialidade sadia dentro de casa.

Compreensão. Compreender os defeitos e reclamações dos seus *roommates*, tirando a atenção do próprio umbigo e incômodos pessoais, ajuda a ter maior empatia e a saber como agir para ajudar.

Autoestima. A autoestima equilibrada e a constante resolução dos próprios autoconflitos ocasionam um bem-estar pessoal inigualável. Como efeito disso, entende-se na prática a frase “eu sou a minha melhor companhia”.

Responsabilidade. Partindo do princípio de que o mais lúcido assiste o menos lúcido, aumenta-se a responsabilidade perante a própria autodesassidialidade e a assistência grupal.

BENEFÍCIOS QUE TIVE COM O INTERCÂMBIO

Benefícios. Entre os efeitos benéficos adquiridos com o intercâmbio: sinto-me mais amparada, conectada com o Planeta, mais fraterna, paciente e compreensiva, independente e proativa. Além disso, sinto-me mais conectada à Cognópolis e às pessoas de lá, bem como alinhada à minha próxis.

Autopesquisa. Precisei ir tão longe e me desligar de tudo para me enxergar e perceber. O que o holopensene de outro país favorece?

Evolução. O maior aprendizado que eu tive nessa viagem se resume na frase da logo da UNSW: “NEVER STAND STILL”.

O QUE FAREI DE DIFERENTE NO PRÓXIMO INTERCÂMBIO

CPC. Na próxima viagem internacional, já irei preparada com o meu Código Pessoal de Cosmoética pronto e atualizado.

Sinalética. Possuir mapeadas as sinaléticas de amparo e de assédio. Acredito ser de extrema importância para o dia a dia.

Autoliderança. Ter identificado previamente o materpensene e holopensene pessoal. Dessa forma, é possível perceber quais características suas são intensificadas pelo meio e quais características não fazem parte da sua intraconsciencialidade.

Escrita. Organização da rotina incluindo tempo para se dedicar à escrita. O intercâmbio ou viagem internacional proporcionam vivências riquíssimas.

Internet. Entrar menos em redes sociais e evitar falar muitas horas por dia com pessoas que estão no Brasil para aproveitar a imersão e minimizar a dispersão. “A energia vai onde você coloca a sua atenção e pensamento”.

Amizades. Cultivar melhor as amizades e aproveitar os reencontros. A viagem internacional propicia reencontros e amizades únicas que talvez você não entre em contato pessoal novamente durante essa vida intrafísica.

Estrangeiros. Sair mais com estrangeiros para praticar a língua local do país ou o inglês.

Proéxis. Planejamento de objetivos e metas e constante monitoramento.

Lara Rezende, 22 anos, natural de Brasília. Atualmente residindo em Foz do Iguaçu e estudando Engenharia Ambiental. Ex-voluntária do IIPC-BH, atual voluntária da ASSINVÉXIS e do IIPC de Foz do Iguaçu, aplica a técnica da Inversão Existencial e participa da coordenação do GRINVEX da cidade.

EUROPA

RELATO DA INTERASSISTÊNCIA GRUPOCÁRMICA NA ALEMANHA

Milena Mascarenhas

Grupocarma. No ano de 2014 um familiar identificou um tumor no nervo auditivo, denominado de Neurinoma do Acústico.

Tratamento. A recomendação médica foi pela retirada do tumor em função do crescimento do mesmo. Após avaliação, optou-se em realizar a cirurgia na Alemanha, em Tübingen, onde tem um hospital universitário referência nesse tipo de cirurgia.

Incumbência. Fui incumbida pela família de acompanhá-la no pós-operatório, principalmente dar apoio emocional e suporte até a recuperação necessária para retornar ao Brasil.

Passado. As seguintes questões foram registradas no meu caderno de autopesquisa: por que a Alemanha? Por que eu para dar esse suporte? Será que tenho retrofôrma na Alemanha?

Viagem. Já havia viajado pela Europa, mas essa viagem era singular por quatro motivos: primeiro, viajaria sozinha; segundo, viajaria para um país que não conhecia; terceiro, não tinha qualquer familiaridade com o idioma e, em quarto lugar, atenderia uma demanda grupocármica. O objetivo da viagem era de assistência grupocármica. O foco estava no atendimento das necessidades de uma pessoa no pós-operatório.

Chegada. Fiz a troca de avião em Londres em direção a Stuttgart (Alemanha) onde desembarquei e continuei o deslocamento até Tübingen (aproximadamente 30km) via terrestre.

Tübingen. Em Tübingen, há um hospital universitário de referência, Universitätsklinikum Tübingen e um centro cirúrgico especializado em neurinoma do acústico.

Impressões. A cidade fica no sudoeste da Alemanha, muito simpática, ainda mais no inverno, com o gelo tomando conta dos pátios misturando com as chaminés das lareiras. Senti-me muito bem, quase em casa, se não fosse a fronteira do idioma.

Universidade. Em 1477, foi fundada a Universidade Eberhard Karls Tübingen, pelo conde Eberhard (1445-1496), marcando profundamente a cidade, influenciando a vida da comunidade, inclusive costuma-se dizer em “Tübingen não tem universidade, Tübingen é uma universidade”.

História. A cidade tem cerca de 87 mil habitantes, sendo 22 mil são estudantes, caracterizando-se como uma cidade universitária, com significativa oferta cultural.

Mentalidade. Conhecida também pelo alto nível de abertismo, em função de diversos estrangeiros vivendo e estudando na cidade com constantes intercâmbios de ideias.



Centro histórico (Markplatz mit Rathaus) de Tübingen, nessa praça concentra-se um comércio, à esquerda da primeira foto tem uma fonte de Neptuno construída em 1435. Castelo de Neuschwanstein em Füssen.



Prefeitura de Tübingen e as margens do Rio Neckar, afluente importante do Rio Reno.

Castelo. Na Alemanha tive a oportunidade de conhecer Füssen, fronteira com a Áustria, onde localiza-se o castelo de Neuschwanstein, um palácio construído na segunda metade do Século XIX. E nesse trajeto, é muito interessante conhecer as famosas *Autobahn*, consideradas as mais rápidas do mundo e mais seguras.

Característica. Os germânicos são muito solícitos, profissionais e eficientes, refletindo nas cidades, na organização e gestão da vida de maneira geral. Chama a atenção que até os cachorros são educados, pois é permitida a entrada deles em diversos estabelecimentos públicos, inclusive restaurantes e você quase não nota a sua presença.

Stuttgart. Saindo de Tübingen, para retornar ao Brasil, pude conhecer melhor Stuttgart, pois passaria uma noite lá em função do voo (sairia cedo no próximo dia). Aventurei-me e peguei um trem sozinha em direção à parte central da cidade. Pude conhecer Marktplatz, onde fica a prefeitura (Rathaus), Linden-Museum (museu de etnologia) e depois passei pelo Museu Württemberg State, onde tinha uma exposição Romana.

Acidente. O único acidente ou imprevisto da viagem foi no último dia na cidade de Stuttgart, o meu celular quebrou ficando sem comunicação e sem possibilidade de registrar (fotografia) esse finalzinho da viagem. Mas já estava retornando ao Brasil, apenas utilizei o telefone público para comunicar a família o ocorrido. Dormi na cidade, e no dia seguinte bem cedo peguei o voo de retorno ao Brasil passando novamente por Londres.

Conclusão. Enfim, é interessante alguns fatos da vida que nos fazem ir a determinados lugares nos permitindo resgatar antigas amizades, criar novos vínculos e sentir-se gratificado pela interassistência.

Milena Mascarenhas nascida em Porto Alegre, RS., em 1982, reside desde fevereiro de 2006 em Foz do Iguaçu, PR. É graduada em História pela FAPA, pós-graduada em História da Educação Brasileira e mestre em História pela UNIOESTE. Voluntária do Terceiro Setor desde 2003.

ORIENTE MÉDIO

ENTREVISTA 1: VIAGEM À OMÃ

Cesar Cordioli, Jeffrey Lloyd & Phelipe Mansur

1. Contem aos leitores da Revista INTERCÂMBIO como surgiu a oportunidade de viajar para Omã, quanto tempo vocês passaram lá e qual foi o objetivo deste intercâmbio.

O Phelipe Mansur recebeu um convite para a abertura da exposição *Tolerância, Compreensão e Coexistência na Terra do Islã* promovida pelo Sultanato de Omã, ocorrida em Foz do Iguaçu em Julho de 2014, na qual esteve juntamente com o Sr. Fouad Fakih. Após a solenidade de abertura, por perceber o holopense favorável foi até o embaixador de Omã no Brasil, Sr. Khaled Al Jaridi, e convidou ele e sua comitiva para conhecer o CEAEC. Dois dias depois, a comitiva de Omã esteve visitando as dependências do CEAEC, participando da Minitertúlia do dia 03.07.14. Em visita à Holoteca, César Cordioli explanou sobre o projeto do Megacentro Cultural Holoteca e entregou-lhes cópia do projeto. Após alguns meses de correspondência com o embaixador e também com Sr. Mohammed Al-Mamari, idealizador da exposição que mostrou interesse em se hospedar por 10 dias no CEAEC durante a visita, fomos convidados para um almoço na casa do embaixador em Brasília, no mês de novembro de 2014, ocasião onde lhe apresentamos o vídeo da Cognópolis traduzido para o árabe.

Um dossiê sobre a Cognópolis e também sobre o Megacentro foi encaminhado para o Sr. Al-Mamari em Omã, contendo o vídeo da Cognópolis em árabe. Isso suscitou uma série de correspondências e no mês de junho de 2015 recebemos o Sr. Al-Mamari no Mabu Interludium para uma imersão de 10 dias na Cognópolis Foz do Iguaçu. Foi providenciado um curso em inglês sobre os princípios da Conscienciologia, ministrado pelo Leonardo Firmato, e tanto Phelipe quanto Jeffrey Lloyd o acompanharam constantemente em dinâmicas, aulas, passeios e jantares durante sua estada.

No momento da despedida do Sr. Al-Mamari foi feito o convite para que fossemos até Omã com as seguintes palavras: “aguardo vocês em Omã, apenas se preocupem com a passagem e mais nada”. Embarcamos, então, para Omã em 11.11.15 com destino a Mascate, capital do país, para uma viagem de 10 dias. O objetivo era apresentar o projeto do Megacentro Cultural Holoteca às autoridades do governo com o intuito de levantar recursos para construção do mesmo.

2. Como foi o acolhimento do povo omanense para com vocês?

Foi um acolhimento excepcional, extremamente generoso e cordial. Impressionou-nos o nível de simpatia demonstrado com os visitantes em geral. Tivemos um tratamento de representantes de Estado, com o pagamento de todas nossas despesas, incluindo hotel, refeições, guias e demais, com exceção apenas da passagem aérea que adquirimos. Esse acolhimento cordial foi sentido não apenas na capital, mas também nas cidades do interior que visitamos.

3. Que características da vida e cultura de Omã chamaram atenção de vocês?

O espírito de generosidade natural do povo de Omã com certeza é um fator que se destaca. Por exemplo, caminhando no trecho que levava à Gruta de Wadi, nos foram oferecidas tâmaras, bebidas e muita atenção por todos os omanenses, mesmo sem nos conhecer ou ao nosso guia. O povo árabe, em geral, gosta muito de agradar aos visitantes oferecendo comida e presentes aos que adentram seu espaço, porém pudemos observar que o omanense possui um senso de generosidade mais evoluído, desprovido de interesses ou segundas intenções. Por exemplo, determinado dia enquanto tomávamos café da manhã no hotel, um senhor aparentando 50 anos de idade, observou que éramos estrangeiros e levou até nossa mesa uma térmica de café e uma tigela de tâmaras que ele tinha levado para o grupo do qual ele era o líder. Não puxou conversa, não perguntou nosso nome nem sequer tinha qualquer outro interesse senão o de fazer uma gentileza com produtos de Omã.

De um lado, Omã é um país com muito dinheiro advindo da exploração do petróleo. Mas por outro lado, há um contraste social em diversas partes que tivemos a oportunidade de conhecer e que demonstram o quanto o país ainda tem a crescer em termos sociais. Um exemplo disso é a alimentação que tradicionalmente é realizada com as mãos, sem talheres.

O Omanense é uma classe social superior no país que não trabalha tradicionalmente em funções braçais. Os empregos de menor salário, como no comércio e restaurantes são todos ocupados por estrangeiros, a exemplo de paquistaneses e indianos. Não se vê omanenses servindo outras pessoas ou atendendo, pois possuem alta renda mensal com PIB per capita de U\$24.674, sendo o 36º colocado no *ranking* mundial, e um elevado IDH de 0,793 na 52ª posição mundial. A título de comparação o PIB per capita brasileiro é de U\$15.153 e o IDH 0,755. Por isso, hoje as famílias e o governo de Omã têm dedicado esforços para qualificar a mão de obra através do investimento em educação, inclusive fora do país, e o país teve que importar em torno de 1 milhão de estrangeiros para os serviços mais básicos da economia.

Um outro ponto muito importante é a questão cultural, pois trata-se de um país sob a religião islâmica e que portanto causa um choque em relação aos valores tradicionais ocidentais. Os principais pontos de contraste para nós foram a repressão à mulher através do vestuário e do não convívio direto com homens. Em 10 dias, não cumprimentamos nenhuma omanense. Por outro lado, existe uma seriedade no cumprimento das leis e um respeito às normas de convívio social que deixam o clima urbano mais tranquilo, principalmente no quesito segurança.

Tivemos também a oportunidade de ter acesso à realidade dos lares omanenses. Os homens possuem salas reservadas onde apenas podem entrar homens, com mesa para refeições e sofás enormes para grandes reuniões (isso foi um padrão em todas as casas que fomos). Por sermos visitantes, a mesa era servida e retirada pelos homens, nenhuma mulher apareceu enquanto visitamos as casas dos familiares do Sr. Al-Mamari.

4. Vocês tiveram a oportunidade de passar uma noite no deserto e explorar lugares exóticos. Conte-nos um pouco sobre estas experiências.

Vale a pena ressaltar dois lugares: o deserto de Wahiba Sands e a gruta de Wadi. No deserto, em apenas algumas horas muitas coisas aconteceram. Primeiro, ao chegarmos na entrada da cidade de acesso o guia nos informou que tinha esquecido as barracas na capital e que precisaríamos alugar. Porém, ao pararmos para tirar foto uma caminhonete se aproxima do carro do guia e desce um homem com roupa típica (dishdash) e começa a conversar com ele. Estávamos longe tirando fotos e nossa primeira reação foi de estranheza e receio, pois se fosse no Brasil poderia ser um assalto. Porém, estávamos em Omã. O Sr. era um beduíno que trabalhava como guia do deserto e estava apenas nos dando as boas-vindas. Ao saber que estávamos sem os apetrechos para a noite, se prontificou a emprestar tudo (barraca, colchonete, cobertores) e ainda nos levar até o melhor local para passar a noite. Ao tentarmos pagar o serviço, o mesmo se recusou a receber e disse que éramos muito bem vindos a terra dele, estava fazendo isso apenas para ajudar.



Omanita com roupa típica (dishdash) oferecendo ajuda aos viajantes.

Fomos, então, em busca dos mantimentos para o jantar. Vimos um açougue vazio e paramos. O Phelipe, vestido de omanense, tinha se encarregado de comprar a carne de carneiro e fazer na fogueira, então entrou sozinho com o guia enquanto César e Jeff ficaram do lado de fora. Em poucos minutos, uma multidão de 20 pessoas se aglomerou em frente ao açougue para saber se quem estava comprando carne era parente do Sultão. Acharam que o César que tinha ficado dentro do carro era o segurança e que algo estava para acontecer na cidade. Foi um momento divertido.



Preparativos para o jantar no deserto.

Quando chegamos para montar acampamento percebemos que tínhamos apenas 2 barracas de uma pessoa para 4 homens grandes. O guia logo se prontificou a dormir no carro e gentilmente o Jeffrey se predispôs a dormir com as estrelas.

Após o deserto fomos conhecer a gruta de Wadi. Um lugar que impressiona pela paisagem e pelo passeio. Para se alcançar a gruta é necessário atravessar um rio, andar em torno de 40 minutos no meio de um imponente vale de pedras, nadar mais 10 minutos e atravessar nadando uma fenda na rocha, para então descobrir uma caverna com cachoeira no meio da montanha. Realmente impressionante.



Navegando o rio em direção à Gruta de Wadi.

Além desses dois passeios, pudemos conhecer muitos outros lugares interessantes como o clube dos diplomatas da capital Mascate, onde o Sr. Al-Mamari nos levou para almoçar e é destinado apenas para membros do governo. Também dois hotéis: um *resort* 6 estrelas chamado Shangri-Lá Barr Al Jissah, e o outro o hotel Al Bustan Palace Ritz-Carlton de Omã, onde já aconteceram diversas conferências internacionais. E a Casa Real de Óperas de Mascate.

5. O que mudou em vocês após esta viagem acerca da compreensão do mundo árabe?

Observamos um contato intenso com equipe de amparadores especializada em paradiplomacia durante toda nossa viagem. Sem exageros podemos dizer que fomos monitorados desde a saída da Cognópolis até nossa volta para casa. Phelipe percebeu três amparadores, onde o mais ostensivo foi o Dag Hammarskjold (ex-Secretário Geral da ONU) que já tinha aparecido em Minitertúlia em 2014. Também um homem árabe jovem com lenço branco e vermelho na cabeça e uma mulher. Jeffrey também percebeu Dag no momento de maior requisição energética que tivemos na viagem durante visita ao interior do país. César percebeu as energias da Monja.

Pudemos compreender na prática a vida do mundo árabe e conhecer melhor a história da região. Além disso, percebemos aumento no nível de responsabilidade com a assistência ao povo e aos países árabes, pois são regiões muito carentes de consciencialidade que necessitam de inserções assistenciais para a melhoria holopensênica. Ficou claro que com esses contatos uma semente foi plantada e frutos podem surgir dela.

Outro aprendizado prático foi o fato de se necessitar cultivar o profundo respeito pelo nível evolutivo das consciências para que a assistência possa ser efetiva.

6. Que frutos esta viagem poderá trazer no futuro?

Existe uma carta de intenções que foi enviada pelo Sr. Al-Mamari manifestando a vontade de realização de parceria para construção de réplica do projeto Cognópolis Foz em Omã, com adequações à realidade local. Também foi manifestado o interesse de se iniciar conversações para auxiliar na construção do Megacentro Cultural Holoteca em Foz. O escritório do Niemeyer foi consultado e manifestou possibilidade de ser feito réplica do projeto lá. Agora existe um trâmite longo a ser seguido para que confirmemos ou não este interesse na parceria.



Reunião de apresentação do projeto Megacentro Cultural Holoteca às autoridades do governo de Omã.

7. Quais dicas e recomendações você daria aos voluntários da Conscienciologia que queiram visitar Omã?

Tenham *muito abertismo consciencial*, pois senão corre-se o risco de entrar em contrapensividade e ficar assediado. Caso queiram outras dicas podem ficar à vontade para falar diretamente conosco, estamos à disposição.

8. Caso voltem para Omã um dia, o que fariam de novo e o que não fariam?

Fariamos tudo de novo, nos predispondo a acessar a equipe de amparadores e seguir as inspirações que forem surgindo.

MEDITERRÂNEO

ENTREVISTA 2: VIAGEM À GRÉCIA

Ellen Quintela & Maximiliano Haymann

1. Contextualização. Conte-nos sobre a viagem à Grécia: Quando foram? Que cidades e lugares conheceram? Quanto tempo permaneceram lá?

Chegamos em Atenas no dia 10 de setembro de 2014, aproximadamente às 17hs e fomos recebidos por uma empresa de *transfer* brasileira. O guia muito simpático inicialmente nos passou as informações devidas e, em seguida, começamos uma conversa rica em detalhes, sobre o melhor aproveitamento de Atenas e arredores. Falou sobre os pratos e comidas típicas que deveríamos experimentar (Moussaka - espécie de lasanha de berinjela com carne moída, batatas e creme, Gyros – o famoso churrasco grego preparado com pão pita, molho de iogurte, batatas, carne de porco, carne de frango, cebola, tomates e azeitonas). Durante o trajeto para o hotel, que ficava bem no centro de Plaka, o bairro turístico da Atenas antiga, observávamos uma cidade atual marcada pela crise econômica, com muitos estabelecimentos comerciais fechados e degradados pelas crises e manifestações. Chegando mais próximo do bairro de Plaka, começamos a observar ruelas estreitas e algumas ruínas da Grécia antiga. Já no hotel, fomos agraciados com um *up grade* de apartamento e fomos instalados em uma suíte que ficava em frente à vista lateral da Acrópole. Agradecemos e começamos a ficar mais atentos para o que estava por vir em termos de assistência, pois a recepção havia sido calorosa, fomos muito bem recebidos!

Nesta mesma noite, saímos para jantar e caminhar um pouco pelo centro histórico. Passamos pelo Arco de Adriano, Templo de Zeus Olímpico e chegamos à Acrópole que à noite fica toda iluminada e ainda mais linda. Jantamos o famoso Gyros, de fato, delicioso e aproveitamos para mais uma caminhada ao redor da gigante Acrópole.

No próximo dia, saímos para as visitas diurnas à Acrópole, Museu da Acrópole, Ágora Antiga, Parthenon, Praça de Syntagma, Parlamento, Teatro de Dionísio, Teatro Herodes, Templo de Hefesto, Museu de Artes Gregas (Ágora Antiga), Museu Arqueológico Nacional, Torre dos Ventos e terminamos a noite novamente no bairro Monastiraki experimentando a moussaka.

No dia seguinte, embarcamos logo cedo em um cruzeiro de 4 dias rumo às ilhas gregas ciclades, incluindo Creta e Éfesos, uma ilha da Turquia. Era um navio de médio porte, com 900 passageiros a bordo. Particularmente não nos agradou o cruzeiro em si, mas sim as paradas nas ilhas e a possibilidade de entrar em contato com histórias muito antigas. Achamos Mikonos, primeira parada, com um holopense muito pesado e com muitas consciêxas patológicas. Nesta ilha são realizadas festas raves, onde ocorre o uso de drogas ilícitas e alto consumo de álcool. Na sequência, uma grata surpresa;

conhecemos Kusadasi e Éfesos, uma das cidades romanas mais preservadas localizada na atual Turquia. Éfesos foi por muitos anos a segunda maior cidade do Império Romano, ficando em população apenas atrás de Roma, a capital do império. Lá existia um dos maiores teatros do mundo, com capacidade para 25 milhares de espectadores de uma população total estimada em cerca de 400 mil a 500 mil habitantes. Nela se destacavam iniciativas culturais como escolas filosóficas; escola de magos e muitas manifestações religiosas, sendo a mais significativa em torno de Ártemis. Outras descobertas incluem uma bela casa de banho, de mármore, com muitos quartos, a magnífica Biblioteca de Celso. Foi uma visita incrível com muitas repercussões energéticas e aprendizado.



Éfesos – foto tirada em frente a um monumento ao sítio arqueológico da antiga civilização romana na região do Mediterrâneo.

Nas próximas paradas, tivemos a oportunidade de conhecer o palácio Minoico de Cnossos, a antiga cidade de Cnossos, conhecida como a primeira civilização europeia e descoberta pelo famoso arqueólogo inglês Sir Arthur Evans. Terminando nosso cruzeiro, chegamos à belíssima Santorini, localizada no centro de um grande vulcão e ao alto a sua joia de cidade chamada Oia, localizada no norte da ilha. Vista lindíssima e o pôr do sol entre os mais lindos que já vimos.

Ao retornarmos para Atenas, resolvemos embarcar para Delfos e passar nosso último dia na Grécia por lá. Foi a decisão mais acertada da viagem, valeu cada minuto até a chegada. Uma dica que passamos é que façam esta viagem com um bom guia, pois cada local e montanha do caminho tem uma história e aspectos mitológicos. O guia também foi importante para o melhor aprofundamento de cada detalhe do antigo templo de Apolo. Após conhecermos o antigo Oráculo de Delfos, museu e arredores, paramos em uma loja turística de suvenires e resolvemos trazer uma lembrança da cidade: uma toalha de mesa bordada artesanalmente e manualmente.

Nossa última noite em Atenas, resolvemos jantar no restaurante do hotel com uma vista linda e bem de frente para a Acrópole. Fechamos nossa viagem com chave de ouro!

2. Lugares. Quais lugares visitados vocês consideram parada obrigatória ao intermissivista? Por quê?

Ágora antiga – A ágora possuía papel importante para o exercício da política em Atenas e nas demais polis gregas, sendo o local, por excelência, da manifestação da opinião pública, adequado à cidadania cotidiana. Seus campos e praça atuais, mesmo em ruínas, nos dão uma ideia do que experimentamos no passado em termos de comunidade organizada e como podemos nos organizar na Cognópolis hoje. Ao sentarmos no banco da ágora, sentimos uma vontade grande de permanecer ali admirando o local e sentindo suas energias e imaginando como deveria ser a vida no apogeu da cultura grega clássica.

Acrópole – A acrópole de Atenas ficou famosa principalmente pela construção do Parthenon, suntuoso templo em honra à deusa Atena. A maior parte das edificações foram erguidas pela liderança de Péricles, durante a “era de ouro” de Atenas (460–430 a.C.). Sem dúvida parada obrigatória, para entrarmos em contato com nosso passado e inclusive revivenciar nossas possíveis interrelações antigas e atuais. Ao passar dos pórticos que dá acesso ao topo da acrópole e a visão do Parthenon, tivemos um impacto energético marcante, ocorreu uma espécie de sentimento místico, tudo indica, do holopen-sene do local, mas era algo diferente do que estamos habituado no ocidente, de algum modo evocava o Olimpo e os deuses pagãos gregos.



Visão do Parthenon, templo dedicado à deusa Atena, construído no século V a.e.c. na Acrópole de Atenas, na Grécia. É visto como um dos maiores monumentos culturais da história da Humanidade.

Museu da Acrópole – A coleção do Museu da Acrópole, como seu nome sugere, consiste basicamente dos achados arqueológicos da própria Acrópole. O acervo começou a ser reunido com as escavações levadas a cabo no século XIX, que recolheram algumas esculturas clássicas e objetos dedicados ao culto de Atena. Desde então, com o prosseguimento das pesquisas, novos itens têm sido continuamente incorporados ao acervo. Lá se encontram as peças originais que conseguiram resgatar através dos anos de muitas destruições, sendo um local com muita energia que mexe com a holomemória.

Pórtico das Cariátides – *Cariátides* em grego significa literalmente “moças de Karyai”, uma antiga cidade do Peloponeso. Karyai teve um famoso templo dedicado à deusa Ártemis em sua manifestação de *Ártemis Karyatis*: “Como Karyatis ela se alegra nas danças da noqueira da aldeia de Karyai, aqueles cariátides, que em seu êxtase, faziam sua dança circular levando em suas cabeças cestas de juncos, como se fossem plantas dançando” As Cariátides mais famosas são as que servem de colunas do templo do Erecteion, erigido na Acrópole de Atenas no século V a.C. Mas foram utilizadas também em outros templos por toda a Antiguidade, e vêm sendo utilizadas até hoje. Representam figuras parapsíquicas antigas de toda a Grécia e mostram muita energia onde se encontram, uma boa experiência para testar nosso Parapsiquismo.

Torre dos Ventos – Localizada no bairro de Plaka, está nos terrenos da Ágora romana. Foi construída pelo astrônomo sírio Andronikos Kyrrestes, por volta de 100 a.e.c., como cata-vento, bússola e relógio d'água. Cada uma de suas paredes tem um dos oito ventos mitológicos representado, inclusive o vento do oeste, Zéfiro. Vale a pena conhecê-la devido à nossa conexão com o professor Waldo, o Zéfiro.

Delfos – Cidade onde se localizava o famoso oráculo de Delfos, que ficava no templo dedicado ao deus Apolo. Delfos era reverenciada por todo o mundo grego como o *omphalos*, o centro do universo. Sem dúvida, destino praticamente obrigatório para o intermissivista que for à Grécia. Além de toda a história da cidade, dos templos, registrado também no museu local, impressiona a localização geográfica da cidade, que parece ter sido escolhida a dedo, pois além da pujante presença da energia imanente, da fitoenergia, aeroenergia e hidroenergia, apresenta um clima agradável, possui uma vista belíssima e também colocava em posição privilegiada de segurança quem estava na cidade em relação aos visitantes.



Vista superior do Oráculo de Delfos, mostrando ao fundo as ruínas do Templo de Apolo, onde eram proferidas as profecias.

Éfeso (Turquia) – Cidade muito bem conservada e que nos dá uma boa ideia de como era a civilização romana atuante há 2 milênios. Impressionante trabalho arqueológico e de restauração foi e continua sendo desenvolvido na cidade, preservando as construções e trazendo aos olhos dos visitantes aspectos interessantíssimos da cultura da época.

3. Choque. Vocês experimentaram algum choque cultural? Que hábitos e costumes mais estranharam na cultura grega? Os gregos possuem algum idiotismo cultural típico?

Não tivemos nenhum choque cultural mais marcante. Apesar de que permanecemos a maior parte do tempo na parte mais turística. A cidade de Atenas parece seguir o modelo das grandes cidades do ocidente, fora as placas em grego, incompreensíveis para nós, não houve maiores estranhamentos. Os gregos nos pareceram muito simpáticos e dispostos a nos atender.

4. Parapsiquismo. O que experimentaram do ponto de vista energético e parapsíquico nos ambientes onde estiveram?

Do ponto de vista energético, a visita ao Parthenon causou grande repercussão e os passeios pelas ruínas na Atenas antiga, onde fazíamos as leituras energéticas dos locais, que para nós, pareciam ser familiares e ainda vivas. Sentíamos vontade de permanecer ali parados interagindo com o que sobrou da cidade. Em alguns momentos, percebemos a aproximação de amparadores locais.

Em Delfos ocorreu a sensação de retorno a uma morada bem antiga. Energeticamente ainda é um local intenso com ruínas impactantes. Compramos um livro no museu de Delfos para o prof. Waldo e quando fomos entregar, pouco antes do início da Minitertúlia, ele disse que apareceram no momento consciexes avançadas relacionadas ao grupo e que foram de Delfos. Olhou o mapa da cidade com atenção, identificou lugares e quis saber detalhes da obra de um determinado escultor do século VII a.e.c, relatou que teve repercussões energéticas e se dizendo impressionado com o fato de que os arqueólogos foram precisos em explicitar a planta da cidade de maneira tão aproximada como era há 2.500 anos.



Cleobis e Bitão, heróis gêmeos (esculturas atribuídas à Polímedes). Trata-se de um dos mais antigos exemplares da escultura grega arcaica, que remonta de 600 a.e.c. e encontra-se preservada no Museu Arqueológico de Delfos. Com altura superior a dois metros cada, estas esculturas chamaram a atenção do professor Waldo pela precisão com que foram esculpidas suas tíbias, osso da perna.

Outro fato interessante ocorreu cerca de 2 meses depois que voltamos. Fizemos a ceia do natal do mesmo ano (2014) junto com o prof. Waldo e outros colegas em nossa casa. Havíamos comprado uma toalha de mesa com bordados em Delfos e a usamos durante a reunião. Nossa gatinha, chamada Hipátia, começou a brincar com a barra da toalha, o que fez o prof. Waldo olhar para os detalhes dos bordados e visualizar vários números 11. Ele relatou logo depois que a ocorrência foi um fenômeno de sincronicidade causado pela presença de uma consciex amparadora já no nível de serenona que havia aparecido naquele momento e que tinha conexões com o grupo ali presente, principalmente às mulheres que tiveram vidas em Delfos, no antigo Egito e em Salerno.

5. Cognópolis. É possível fazer uma relação da *Cognópolis da Filosofia Antiga* com a *Cognópolis da Conscienciologia Atual*?

Sem dúvida, naquele período a cultura grega representava o que havia de mais avançado em diversas áreas do conhecimento humano e foi inspiração para inúmeras gerações de pensadores e personalidades marcantes da história. A Magna Grécia foi o berço da cultura ocidental, lá floresceu a filosofia, ocorreram inovações políticas como a Democracia, o Conselho dos 500 e os debates na ágora antiga. A Unicin e o Conselho dos 500 são criações cognopolitas inspiradas na Democracia grega. As instituições conscienciocêntricas (ICs) são a evolução das escolas filosóficas de Pitágoras, Platão, Aristóteles entre outras.

6. Aprendizados. Que aprendizados vocês puderam extrair desta viagem que seja útil aos intermissivistas cognopolitas de Foz?

Foram inúmeros aprendizados como pode ser observado pelo que relatamos até aqui. Contudo, amplia demais a cosmovisão poder estar lá presencialmente e refletir sobre as relações existentes da Cognópolis Foz e às antigas polis gregas. Sempre entendemos melhor quem somos, quais as nossas tendências e onde estamos, a partir do conhecimento das nossas raízes.

Uma viagem técnica para local tão rico culturalmente como a Grécia tem o potencial de expandir a mundividência pessoal de modo acentuado, favorecendo a recuperação de cons e até mesmo às autorretrocoñições sadias.

Maximiliano Haymann (1973). Empresário, psicólogo, Mestre em Engenharia Biomédica; brasileiro, natural do Rio de Janeiro, RJ; Consciencioterapeuta, voluntário da Conscienciologia de outubro de 1998 até a data atual; docente em Conscienciologia de maio de 2001 até a data atual; autor dos livros *Síndrome do Ostracismo – Mecanismos e Autossuperação* e *Prescrições para o Autodesassédio*; tenepessista desde março de 2003.

Ellen Quintela (1977). Médica, graduada em Medicina, Especialista em Anestesiologia; brasileira, natural de Inhapim, MG; Consciencioterapeuta, voluntária da Conscienciologia de outubro de 1998 até a data atual; docente em Conscienciologia desde 2004 até a data atual; tenepessista desde janeiro de 2009.

CONSCIENCIOLOGIA E COGNÓPOLIS

A *Conscienciologia* é uma ciência que estuda a *consciência* inteira, ou seja, nossa personalidade, ego, *self* ou essência com todos os seus corpos, as múltiplas dimensões onde se manifesta, suas várias existências passadas e futuras e suas interações com as energias.

Tal ciência de vanguarda nasceu a partir dos esforços do médico, lexicógrafo, professor e pesquisador independente, Waldo Vieira (1932–2015).

O professor Vieira pesquisou a consciência e suas manifestações parapsíquicas por mais de meio século, foi autor de dezenas de livros, tratados e dicionários sobre o assunto e foi fundador e co-fundador de várias instituições internacionais dedicadas ao estudo da Conscienciologia e suas especialidades.

Em 1995, Vieira e uma equipe de pesquisadores voluntários radicaram-se em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil com objetivo de construir nesta cidade um *campus* de altos estudos da Conscienciologia.

Em torno da pedra fundamental desde empreendimento floresceu a *Cognópolis* ou *Cidade do Conhecimento* que hoje abriga um verdadeiro bairro ou *campi* da Conscienciologia habitado por centenas de pesquisadores-voluntários residentes e visitantes vindos de várias cidades do Brasil e Exterior.

A infraestrutura da *Cognópolis* reúne dezenas de instituições conscienciológicas parceiras, voltadas para o ensino e pesquisa da Conscienciologia, com laboratórios, bibliotecas, salas de aula, espaços culturais e de entretenimento, áreas de preservação ambiental, além de empresas, condomínios residenciais e estrutura hoteleira.

O local foi escolhido por ser uma região trinacional (entre Brasil, Paraguai e Argentina), multiétnica e multicultural, além de possuir alta concentração de bioenergias advindas de suas riquezas naturais, incluindo o *Parque Nacional do Iguaçu* que abriga as *Cataratas do Iguaçu*, considerada uma das 7 Maravilhas da Natureza.

Tal complexo científico é otimizado para as pesquisas da consciência, livres debates, amadurecimento pessoal, desenvolvimento do parapsiquismo interassistencial e para a vivência da cosmoética grupal, sendo estas as bases para implementação do *Estado Mundial Pacífico*.

A *Cognópolis* é berço de iniciativas sociais pioneiras e uma usina de neoideias. Por exemplo, a *Enciclopédia da Conscienciologia* é o projeto suprainstitucional que envolve centenas de pesquisadores e reúne milhares de verbetes com objetivo de sistematizar as teorias e práticas da Conscienciologia e suas especialidades.

A filosofia de todo este trabalho assenta-se no voluntariado, isto é, nos esforços sem fins lucrativos de incontáveis mulheres e homens, pesquisadores independentes, profissionais e especialistas de múltiplas áreas, que doam suas energias e *expertise* para materialização e expansão da Conscienciologia.

Outras Cognópolis da Conscienciologia estão sendo construídas no Planeta. Juntas, as Cognópolis e seu corpo de voluntários constituem a *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional*.



